

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS – PUC GOIÁS
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
CURSO DE TEOLOGIA

GUILHERME DA SILVA CUNHA

VIVER SEGUNDO O DOMINGO:
uma leitura sobre o Domingo cristão em Joseph Ratzinger

Goiânia
2024

GUILHERME DA SILVA CUNHA

**VIVER SEGUNDO O DOMINGO:
uma leitura sobre o Domingo cristão em Joseph Ratzinger**

Monografia apresentada ao curso de graduação em Teologia da Escola de Formação de Professores e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Teologia, sob a orientação do prof. Dr. Pe. Mauro Francisco dos Santos.

Goiânia

2024
FOLHA DE APROVAÇÃO

*Aos meus avós e meus pais...
Aos quais devo a minha iniciação na fé católica.*

AGRADECIMENTOS

A Deus, que com sua inefável providência tudo criou e governa.

A grande mãe de Deus, Maria Santíssima, a qual me entreguei por inteiro na qualidade de um pequeno vermezinho.

Aos meus familiares, que me apoiaram com suas palavras e compreenderam minhas ausências no decurso desse trabalho.

A Dom João Justino, Arcebispo Metropolitano de Goiânia, a Dom Levi Bonatto, Bispo Auxiliar, pela confiança e cuidado paterno com a minha vocação.

A Dom Washington Cruz, CP., Arcebispo Emérito de Goiânia, a quem sou eternamente grato pelo acolhimento no processo formativo da Arquidiocese de Goiânia.

Ao Pe. Carlos Gomes, pela sua alegria e motivação diárias, que impulsionaram a conclusão deste trabalho.

Aos meus irmãos seminaristas, pela convivência nos anos de formação inicial e pelo trabalho pastoral que compartilhamos no Serviço de Animação Vocacional.

Aos padres formadores, pela dedicação diária em oferecer o melhor de suas vidas e de seus ministérios.

Ao meu orientador, Pe. Mauro Francisco, e aos meus queridos professores, pela paciência e dedicação em reservar um pedaço de suas vidas na formação de outras pessoas.

Aos amigos, de longe e de perto.

*De madrugada, no primeiro dia da semana,
elas foram ao túmulo ao nascer do sol
- Mc 16,12.*

RESUMO

O domingo é o dia da ressurreição de Jesus Cristo e o dia em que Ele apareceu aos seus discípulos reunidos por diversas vezes. A partir desse momento singular, os seguidores do Caminho passaram a reunir-se nesse determinado dia para celebrar a Páscoa do Senhor. Nesse trabalho buscamos analisar as fontes bíblicas, teológicas e históricas para a compreensão do Domingo cristão. Enfatizamos a obra do teólogo alemão Joseph Ratzinger - Papa Bento XVI, recolhendo as suas principais contribuições para ressaltar a centralidade do domingo na liturgia e na vida dos cristãos. Os esforços pastorais da Igreja devem formar os fiéis para o conhecimento dos fundamentos do Dia do Senhor e ressignificar esse dia como um verdadeiro encontro com o Senhor Ressuscitado.

Palavras-chave: Domingo, Joseph Ratzinger, Liturgia, Pastoral.

RIASSUNTO

La Domenica è il giorno della resurrezione di Gesù Cristo e il giorno in cui Egli apparve ai suoi discepoli riuniti questo avvenne più volte. A partire da questo momento singolare, i seguaci del Cammino iniziarono a riunirsi in questo determinato giorno per celebrare la Pasqua del Signore. In questo lavoro cerchiamo di analizzare le fonti bibliche, teologiche e storiche per comprendere la domenica cristiana. La nostra enfasi si è concentrata sull'opera del teologo tedesco Joseph Ratzinger - Papa Benedetto XVI, raccogliendo i suoi principali contributi per sottolineare la centralità della domenica nella liturgia e nella vita dei cristiani. Gli sforzi pastorali della Chiesa devono formare i fedeli nella conoscenza dei fondamenti del giorno del Signore e risignificare questo giorno come un vero incontro con il Signore Risorto.

Parole chiave: Domenica, Joseph Ratzinger, Liturgia, Pastorale.

ABREVIATURAS

1Cor	-	Primeira Carta de São Paulo aos Coríntios
Ap	-	Apocalipse de São João
At	-	Atos dos Apóstolos
CDSI	-	Compêndio de Doutrina Social da Igreja
CEC	-	Catecismo da Igreja Católica (<i>Catechismus Ecclesiae Catholicae</i>)
CELAM	-	Conferência Episcopal Latino Americana.
CIC	-	Código de Direito Canônico (<i>Codex Iuris Canonici</i>)
Cl	-	Carta aos Colossenses
CNBB	-	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
DAp	-	Documento de Aparecida
DCE	-	Exortação Apostólica <i>Deus caritas est</i>
DD	-	Exortação Apostólica <i>Dies Domini</i>
DGAE	-	Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora no Brasil
DOC. 100	-	Comunidade de Comunidades, uma nova paróquia
DOC. 99	-	Diretório de Comunicação da Igreja no Brasil
DSD	-	Documento de Santo Domingo
Dt	-	Livro do Deuteronômio
EASC	-	Exortação Apostólica Pós-Sinodal <i>Sacramentum Caritatis</i>
EG	-	Exortação Apostólica <i>Evangelium Gaudium</i>
Gl	-	Carta aos Gálatas
Gn	-	Livro do Gênesis
Hb	-	Carta aos Hebreus
Jo	-	Evangelho segundo João
Lc	-	Evangelho segundo Lucas
LS	-	Exortação Apostólica <i>Laudato Si'</i>
Mc	-	Evangelho Segundo Marcos
Mt	-	Evangelho segundo Mateus
SC	-	Constituição <i>Sacrosanctum Concilium</i> sobre a Sagrada Liturgia
Zc	-	Zacarias

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 OS FUNDAMENTOS DO DOMINGO CRISTÃO	13
1.1 O DOMINGO NO NOVO TESTAMENTO	13
1.1.1 A problemática com o <i>shabbat</i>	16
1.2 OS TESTEMUNHOS EXTRABÍBLICOS	18
1.3 O MAGISTÉRIO RECENTE DA IGREJA CATÓLICA	20
1.4 AS REALIDADES PASTORAIS E OS OBSTÁCULOS	25
2 O DOMINGO CRISTÃO POR JOSEPH RATZINGER	27
2.1 O TEMPO E O LUGAR CELEBRATIVO	27
2.2 OS FUNDAMENTOS BÍBLICOS E HISTÓRICOS	29
2.3 A TEOLOGIA DO DOMINGO	31
2.4 O DOMINGO E O SÁBADO	32
2.5 APLICAÇÕES PASTORAIS	35
3. A DIMENSÃO PASTORAL DO DIA DO SENHOR	41
3.1 OS DESAFIOS PASTORAIS	41
3.2 A REALIDADE DA AMÉRICA LATINA	45
3.3 PROPOSTAS PASTORAIS	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
REFERÊNCIAS	54

INTRODUÇÃO

Em nossos dias, temos uma grande necessidade de apresentar de uma maneira ainda mais fundamentada os preceitos e fundamentos que regem as bases de nossa fé. A sociedade moderna, com suas rápidas mudanças e valores cada vez mais secularizados, apresenta desafios significativos para a manutenção e a prática dos mandamentos divinos. O que antes era uma obrigação realizada pela força da imposição de uma norma, hoje não se concretiza, pelas dificuldades originadas por uma sociedade que não mais favorece o cumprimento da lei da Igreja e na qual falta a vontade de muitos em querer cumprir preceitos. O ritmo frenético da vida contemporânea muitas vezes coloca em segundo plano as práticas religiosas que outrora eram centrais na vida dos fiéis.

Um exemplo seria o questionamento de muitos cristãos sobre o preceito dominical. Esses, muitas vezes, alternam entre desejo de não cumprir a norma e a procura de motivos que justifiquem a sua dispensa, chegando ao extremo de se escusarem as justificativas. A esse matiz acrescentam-se outras dificuldades pastorais, como a legislação dos países, mesmo os de maioria cristã, que não mais estabelecem o dia de descanso semanal do trabalhador no Domingo, mas tantas vezes são colocadas aleatoriamente em outro dia da semana. Essa dissonância entre o dia de descanso religioso e o dia de descanso laboral contribui para o enfraquecimento da observância dominical.

A reflexão sobre o domingo como dia de culto do cristão, e porque não dizer também do católico, se apresenta como um ponto centrífugo do qual parecem aproximar-se e partir do qual se movem os mais diferentes temas da Teologia. Ao propormos no centro de nossa pesquisa esse tema, estamos nos perguntando: afinal, qual é lugar que o domingo tem ocupado na vida dos cristãos; e esse dia ainda representa alguma coisa diferente do que tem sido posto até os dias de hoje? Por isso, consideramos toda a complexa trama social que envolve os dias de trabalho e descanso em nossa sociedade moderna, cada vez mais conectada e dispersa.

Sejam os grandes teólogos ou mesmo os menores agentes pastorais, percebem que o Dia do Senhor tem passado por uma grande crise nas últimas décadas, e mesmo em comunidades cuja quantidade de pessoas reunidas nas assembleias é numerosa, o número de cristãos que não cumprem o preceito

dominical é, ainda, proporcionalmente maior. Essa realidade aponta para uma necessidade urgente de reflexão e ação pastoral para redescobrir e afirmar a importância do domingo na vida do discípulo-missionário.

Ao convite do Papa Francisco expresso na “Carta Apostólica *Desiderio Desideravi*” (cf. 63)¹, ressaltando a necessidade de uma redescoberta do sentido do ano litúrgico e do Dia do Senhor, buscamos iniciar uma pesquisa que pudesse retomar os principais elementos que compõem a doutrina e o ensinamento da Igreja sobre esse dia santo.

O autor escolhido para aprofundar a nossa reflexão foi um grande teólogo dos nossos tempos, o alemão Joseph Ratzinger - Papa Bento XVI. Mesmo com a tradução em língua portuguesa de grande parte de sua vasta produção, foi a publicação do volume XI das “Obras Completas”, que reúne a sua Teologia da Liturgia, que deu grande estímulo para que houvesse uma releitura da sua produção literária e para que houvesse um aumento no interesse das pesquisas acadêmicas.

Nosso trabalho monográfico realizou-se por meio de uma pesquisa bibliográfica de alguns dos principais autores de liturgia na Teologia católica. Buscamos ressaltar as fontes bíblicas, patrísticas e todo o tesouro do magistério da Igreja ao longo dos séculos por meio dos seus pastores.

No primeiro capítulo iremos abordar os fundamentos do Domingo cristão, citando as principais passagens da Sagrada Escritura que constituem a base teológica. Entraremos na questão do *shabbat* judaico, e como a sua plena compreensão pelos novos seguidores de Cristo fundamentou ainda mais a observância do oitavo dia. Entraremos no âmago da história buscando os relatos extrabíblicos que testemunham o novo modo de viver dos cristãos e como as leis civis e eclesíásticas foram tomando a forma que conhecemos atualmente.

No segundo capítulo iremos nos aprofundar na teologia de Ratzinger sobre o Domingo cristão. Iniciaremos com a questão sobre o tempo e o lugar de culto, partindo em seguida para a análise das passagens bíblicas que fundamentam o Dia do Senhor. Abordaremos a vasta discussão sobre o sábado judaico e o desenvolvimento de sua verdadeira teologia para uma plena compreensão dos

¹ PAPA FRANCISCO. *Carta Apostólica Desiderio Desideravi*: sobre a formação litúrgica do povo de Deus. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2022. Disponível em: <<https://x.gd/mztnD>>. Acesso em: 09 jun., 2024.

fundamentos cristãos do Domingo e, por fim, entraremos em alguns pontos de aplicação pastoral de sua teologia.

No terceiro capítulo faremos uma retomada dos desafios e das perspectivas pastorais para a santificação do Dia do Senhor. Com o recorte do nosso continente, retomaremos as conclusões das Conferências Gerais do Episcopado Latino-Americano e, por fim, apresentaremos algumas propostas pastorais encontradas em nossa pesquisa.

A ressignificação do Domingo será fruto de um grande trabalho pastoral para que os cristãos compreendam que esse dia foi feito para eles e é um tempo especialmente marcado para o encontro com o Senhor Ressuscitado e com a comunidade que acredita e vive na expectativa do seu retorno definitivo.

1 OS FUNDAMENTOS DO DOMINGO CRISTÃO

*Este é o dia que o Senhor fez,
exultemos e alegremo-nos nele
- Sl 118 (117), 25*

A compreensão da adesão ao Domingo como dia principal dos cristãos envolve reconhecer diversos fatores teológicos, litúrgicos e históricos. Não obstante a importância da quinta-feira, marcada pelo Memorial Eucarístico, da sexta-feira, dia da Paixão de nosso Senhor, e mesmo do sábado, trocando apenas o seu conteúdo pela novidade cristã², o Domingo prevaleceu sobre os outros dias. Para Daniélou, a “origem deve ser buscada unicamente no fato de a ressurreição de Cristo ter acontecido na madrugada posterior ao sábado”³. Seguindo essa compreensão, neste capítulo iremos explorar os fundamentos do Dia do Senhor que corroboram com essa afirmação e revelam as tradições milenares de santificação do tempo.

1.1 O DOMINGO NO NOVO TESTAMENTO

Segundo Augé, “o domingo nasce dos acontecimentos pascais”⁴ e esses acontecimentos se desdobram na ressurreição do Senhor e nas suas aparições. A explicação bíblica para a adoção do Domingo como ‘dia de culto’ possui um triplo fundamento. O primeiro é completamente dependente da própria vontade divina, do fato de que Deus ressuscitou o seu Filho Unigênito três dias após a sua morte. Os anúncios da Paixão de Jesus Cristo indicavam o dia após o sábado como o dia da ressurreição. Conforme a pregação de Jesus, era necessário que o Filho do Homem sofresse muito, fosse rejeitado pelos anciãos, chefes dos sacerdotes e escribas, fosse morto e ressuscitasse ao terceiro dia (cf. Lc 9,22; cf. Mt 16,21; Mc 8,31)⁵.

² ALDAZÁBAL, José. Domingo, dia do Senhor, p. 67. In: *A celebração na Igreja III: ritmos e tempos da celebração*. BÓRBIO, Dionísio (org.). Tradução: João Rezende Costa. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

³ DANIELLOU, Jean. *Bíblia e liturgia: a teologia bíblica dos sacramentos e das festas dos padres da Igreja*. Tradução: Geraldo Lopes. São Paulo: Paulinas, 2013, p. 259.

⁴ Cullmann e Rordorf corroboram a hipótese de que “a origem do culto dominical tenha sido do fato das aparições do Senhor”. AUGÉ, Matias. *Ano litúrgico: é o próprio Cristo presente na sua Igreja*. Tradução: Geraldo Lopes. São Paulo: Paulinas, 2019, p. 109, nota n. 20.

⁵ BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002. Nova edição, revista e ampliada.

O segundo fundamento são as aparições do Ressuscitado no Domingo da ressurreição (cf. Mt 28,1; Mc 16,2; Lc 24,1; Jo 20,1), no caminho de Emaús (cf. Lc 24,13-33) e oito dias depois no cenáculo (cf. Jo 20,24-29). A passagem dos discípulos de Emaús, por exemplo, coloca-se como o modelo do Domingo “para os cristãos de todos os tempos”⁶. Os discípulos caminham com o Ressuscitado, que se coloca no meio deles e lhes explica as Escrituras, fazendo-lhes arder o coração. Depois, eles o reconhecem ao partir o pão (cf. Lc 24,13-35). Em seguida, os pródigos discípulos retornam depressa à comunidade de Jerusalém e lá Jesus aparece aos outros discípulos e apóstolos (cf. Lc 24,36). Essa passagem se torna exemplar, pois já contém o núcleo fundamental do culto cristão: as Escrituras, o partir do pão (Eucaristia) e a comunidade reunida. Elementos próprios para testemunhar aquele que ressuscitou.

No ‘Evangelho segundo João’ encontramos a explícita indicação do dia em que o Ressuscitado aparece à comunidade dos apóstolos: o primeiro dia da semana (cf. Jo 20,19). O apóstolo Tomé, que na primeira aparição de Jesus não estava reunido com a comunidade, “oito dias depois” também se encontra com o Ressuscitado. O primeiro dia da semana tornou-se, assim, não apenas uma ratificação da vitória de Cristo sobre a morte, mas também o de sua predileção para se manifestar à comunidade apostólica.

O último fundamento é a própria tradição apostólica, que confere indicações de que os cristãos se reuniam no “primeiro dia da semana” em Trôade (cf. At 20,7-12). O evangelista Lucas relata que, no primeiro dia da semana, estando a comunidade reunida para a fração do pão, o apóstolo Paulo, presente há sete dias e com a partida prevista para o dia seguinte, toma a palavra e estende seu discurso até meia-noite⁷. Segundo Augé, isso “leva a concluir que se está numa reunião habitual: a comunidade não se reúne para se despedir do apóstolo, pois na narração foi a presença do apóstolo que se inseriu na reunião e não o contrário”⁸. Com essa

⁶ ALDAZABAL, 2000, p. 67.

⁷ Essa passagem também é reconhecida por causa do jovem chamado Êutico que caiu da janela do terceiro andar e acabou falecendo, enquanto Paulo se estendia na sua fala. Não poderíamos tomar daqui uma indireta indicação aos pastores para que não deixem que a homilia ultrapasse as forças de resistência naturais da assembleia ouvinte?

⁸ AUGÉ, 2019, p. 105.

postura concordam quase unanimemente os exegetas, admitindo que a passagem faz referência ao sentido dominical⁹ do culto cristão.

O texto mencionado contém ainda três elementos muito importantes para teologia dominical. Com efeito, o ‘partir o pão’ é uma expressão comumente usada para se referir à Celebração Eucarística (cf. At 2,42-46; 1Cor 10,16). O segundo são as lâmpadas que iluminavam e a sala superior onde estavam reunidos (cf. At 20,8; Mc 14,15), os quais são indicações sutis que nos apontam um “aceno velado ao caráter ritual da reunião”¹⁰.

Entretanto, temos uma questão controversa em relação ao último elemento: em qual momento do primeiro dia acontecia a reunião? Pois estamos diante de três culturas diferentes¹¹. O dia para os gregos vai do amanhecer até o outro amanhecer, enquanto para os romanos a contagem é feita a partir de meia noite. Para os judeus e, muito provavelmente, para a comunidade cristã nascente, o primeiro dia da semana começava com o entardecer do sábado e se estendia até o próximo entardecer.

A “Primeira aos Coríntios” aponta outro forte indício de que o dia da coleta em favor dos irmãos mais pobres da palestina acontecia “todo primeiro dia da semana” (cf. 1 Cor 16,1-2), revelando assim a adoção do mesmo tempo semanal dos judeus e o costume hebdomadário de se reunirem nesse primeiro dia. Augé problematiza ainda mais essa conexão entre o “dia da coleta” e o “dia do culto” afirmando que “nesse texto não se fala explicitamente da assembleia cristã nem de culto”¹². Porém, o autor acrescenta¹³ que

[...] a “coleta” é chamada de “*leithourghia*” isto é, “serviço sagrado” (cf. 2Cor 9,12; Rm 15,25-27), expressão que poderia indicar certo liame com a assembleia cristã no exercício do culto. Além disso, em 1Cor 11,20 se fala de “Ceia do Senhor”, a celebração eucarística da qual participa a comunidade de corinto e que poderia ser aquela celebrada no domingo, como se verá mais adiante. Mais tarde, na metade do século II, pelo testemunho de Justino, as ofertas em favor dos necessitados se faziam também em Roma, ao final da celebração eucarística dominical.

⁹ cf. AUGÉ, 2019, p. 104.

¹⁰ AUGÉ, 2019, p. 104.

¹¹ cf. AUGÉ, 2019, p. 105.

¹² AUGÉ, 2019, p. 102.

¹³ AUGÉ, 2019, p. 102.

Outra expressão bíblica para se referir ao Domingo se encontra no livro do “Apocalipse de São João” como “*Dies Dominica*” (cf. Ap 1,9-10)¹⁴. Apesar da possível proximidade dessa locução com a “ceia do Senhor”, conforme encontramos na “Primeira Carta aos Coríntios” (cf. 1Cor 11,20), devemos ter em conta que se trata de “uma locução que indica o dia definitivo escatológico, que clama pela intervenção definitiva de Deus” e que a sua aplicabilidade ao Domingo evidencia uma “totalidade do mistério pascal de Jesus Cristo [...] sublinha a dimensão escatológica da Eucaristia dominical”¹⁵. Tal interpretação é corroborada pela “*Didaqué*”¹⁶ que também chama o Domingo de “Dia do Senhor”.

1.1.1 A problemática com o *shabbat*

Logo após a ressurreição de Cristo, os seguidores do Caminho encontraram um problema que somente após alguns séculos seria resolvido totalmente. O dia de orações dos cristãos não coincidia com os dias de descanso do Império Romano e, principalmente, com o dia sagrado dos judeus¹⁷. Para o povo da aliança do Sinai, o sábado adquiriu um “valor pascal”, pois era um “concentrado do mistério de sua história”¹⁸.

O conceito e a espiritualidade do *shabbat* judaico evidentemente “tiveram um desenvolvimento histórico que se pode observar através dos livros do Antigo Testamento”¹⁹. Podemos sintetizar que a semana judaica é caracterizada por seis dias comuns e um dia festivo, o qual tem suas raízes nos dois marcos da revelação de Deus ao seu povo: a criação (cf. Gn 2,1-3) e a libertação da escravidão do Egito (cf. Dt 5,12-15). Nesse sentido, o “sábado se torna uma confissão de fé em Javé, qual único Senhor do tempo da vida e da história”²⁰.

O sábado judaico era observado pelo aspecto do repouso e da benção. A ausência do trabalho divino no sétimo dia, ao concluir a criação, tem como contraste

¹⁴ Essa expressão foi traduzida na “Bíblia de Jerusalém”, como o “dia do Senhor”.

¹⁵ AUGÉ, 2019, p. 106.

¹⁶ “Reúna-se no dia do Senhor para partir o pão e agradecer”. *Didaqué: o catecismo dos primeiros cristãos para as comunidades de hoje*. Tradução de Euclides Martins Balancin e Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 1989, cap 14, n. 1.

¹⁷ cf. DANIÉLOU, 2013, p. 259.

¹⁸ AUGÉ, 2019, p. 113.

¹⁹ AUGÉ, 2019, p. 112.

²⁰ AUGÉ, 2019, p. 112.

e complemento a dimensão da benção dada por Deus no último dia da criação²¹. O outro aspecto que o distingue completamente dos outros dias da criação é a não utilização da expressão ‘houve uma tarde e houve uma manhã’. Essa ausência aponta para a “dimensão do repouso escatológico e definitivo”²² corroborado pela profecia de Zacarias (cf. Zc 14,7), a qual dizia que não existiria mais nem dia e noite.

As discussões de Jesus com os fariseus sobre a observância do *shabbat* expõem as polêmicas de seu ministério público como também transpõem as divergências existentes entre gentios e judaizantes na comunidade cristã. Os relatos dos “Atos dos Apóstolos” (cf. 2,16; 3,1; 9,20) revelam que os primeiros cristãos não deixaram de frequentar o templo e a sinagoga, porém com a compreensão de que a lei judaica havia sido completamente cumprida em Cristo²³. Essa compreensão fez com que os cristãos também se reunissem nas casas para a oração e fizessem a fração do pão, atentos ao ensinamento dos apóstolos (cf. At 2,42). De fato, o “culto e a reunião dos cristãos, embora fossem totalmente diversos, vinham a ser quase como uma continuação do mesmo sábado”²⁴.

A relação da comunidade cristã com o sábado pode, pois, ser resumida a três atitudes²⁵. A primeira delas é a negação completa dessa realidade. A segunda é uma interpretação de que a indicação do Antigo Testamento sobre a observância do *shabbat* não era incondicional. Essa interpretação deriva de uma leitura dos evangelhos e está presente em diversos argumentos dos padres da Igreja. E, por fim, a interpretação de que o *shabbat* temporal, da Lei do Antigo Testamento, devia ser entendido dentro da economia provisória da gradualidade da revelação divina, sendo apenas uma prefiguração do verdadeiro *shabbat* que é Jesus Cristo²⁶.

A teologia do repouso sabático se encontra muito bem sintetizada em Eusébio de Cesareia, por exemplo, já no século IV, como podemos conferir no seguinte trecho:

²¹ Vale a pena destacar que “na narração dos dois primeiros capítulos do Gênesis encontramos três benções de Deus: a benção dos animais marinhos (Gn 1,22); a benção do ser humano (Gn 1,28); a benção do sábado (Gn, 2,3)”. AUGÉ, 2019, p. 112.

²² AUGÉ, 2019, p. 113.

²³ cf. AUGÉ, 2019, p. 108.

²⁴ AUGÉ, 2019, p. 109.

²⁵ cf. DANIÉLOU, 2013, p. 246.

²⁶ cf. DANIÉLOU, 2013, p. 253.

É a imagem (ειχών) do *shabbat* celeste e desse perfeito e bem-aventurado repouso que nos apresenta sobre a terra os homens de Deus; eles se abstêm das coisas que afastam demais de Deus, e se voltam inteiros para a contemplação das coisas divinas; aplicando-se dia e noite à meditação (μελέτη) das Santas Escrituras, passam então do repouso sabático a um repouso agradável a Deus. É por isso, com razão, que a lei de Moisés, que nos transmite as sombras e as figuras daquilo que falamos, determina um dia especial para o povo a fim de que, ao menos nesse dia, deixe seus trabalhos ordinários e se dedique a meditação da lei divina²⁷.

Consequência de sua meditação continuada da Sagrada Escritura, a concepção de Eusébio parece estar muito mais ligada a um retorno àquilo que o *shabbat* significava em sua origem primitiva, com os patriarcas do Antigo Testamento, a qual foi transferida para o Domingo. Essa transferência retoma todas as imagens do culto sabático, contendo o sacerdote, vítimas, oferendas, incenso perfumado, os pães da proposição, renovação da memória e, por fim, o sangue da aspersão do novo cordeiro de Deus que seria “mais apropriado e digno que o *shabbat* judaico”²⁸.

1.2 OS TESTEMUNHOS EXTRABÍBLICOS

Logo nos primeiros séculos do cristianismo também encontramos testemunhos extrabíblicos contendo informações sobre o dia de reunião e oração dos cristãos. No segundo século temos o relato do governador romano da Bitínia, Plínio, o Jovem, sobre os cristãos daquela região. De modo genérico, relata que os cristãos se reuniam em um “*stato die*, antes do amanhecer para recitar entre eles, em dois coros, uma invocação a Cristo considerando-o um deus”²⁹. Augé aqui confirma que os autores interpretam essa expressão como uma indicação do dia de Domingo.

São Justino, em sua obra “Apologia”, dizia que o costume era reunir-se “no dia do sol, porque foi o primeiro dia em que Deus, transformando as trevas e a matéria, fez o mundo, e o dia em que Jesus Cristo, nosso Salvador, ressuscitou dos mortos”³⁰. O relato do “*Itinerarium Egeriae*”³¹, datado do século IV, nos apresenta

²⁷ EUSÉBIO DE CESAREIA. *Commentarii*, p. 23, n. 1168-1169a *apud* DANIELOU, 2013, p. 261.

²⁸ EUSÉBIO DE CESAREIA. *Sur le dimanche*, P. 86,n. 416 *apud* DANIELOU, 2013, p. 263.

²⁹ AUGÉ, 2019, p. 110.

³⁰ JUSTINO DE ROMA. *I Apologia*. Tradução de Euclides Martins Balancin e Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 1995, n. 67. (Coleção patrística)

como era realizado a celebração dominical em Jerusalém por meio do “ofício popular, de grande solenidade, que exalta o domingo como memória semanal do mistério da Páscoa”³².

Santo Inácio de Antioquia, bispo e doutor da Igreja, colocava em distinção entre aqueles “que viviam na antiga ordem de coisas chegaram à nova esperança, e não observam mais o sábado, mas o dia do Senhor, em que a nossa vida se levantou por meio dele e da sua morte”³³. Santo Agostinho chamava o Domingo de “sacramento da Páscoa” e orientava que nesse dia se deveria omitir os jejuns, cantar o Aleluia e que a oração não poderia ser de joelhos, mas de pé para que servisse de sinal da Ressurreição de Cristo (cf. DD 19)³⁴.

Ainda que houvesse uma grande variedade de testemunhas e mártires dispostos a defender o direito dos cristãos, somente no século IV, com o Imperador Constantino, o dia de orações dos cristãos passou a coincidir com o dia de descanso do Império Romano (cf. DD 64). Como consequência dessas leis civis, temos o relato eclesiástico mais antigo sobre o Dia santo. Trata-se do cânone n. 29 do Concílio de Laodiceia, que aconteceu na segunda metade do século VI. Posteriormente, do século VI até o IX, muitos concílios também proibiram o trabalho rural aos Domingos, enquanto as legislações civis também caminhavam na mesma direção para a proteção e a guarda do direito divino (cf. DD 66).

Queremos destacar, de igual modo, a resposta de Santo Tomás de Aquino sobre a controvérsia entre a observância do sábado ou do Domingo. O Aquinate demonstra que algumas atividades eram permitidas no Domingo enquanto eram proibidas pela antiga lei, como se pode conferir nesta citação:

A observância do dia do domingo sucedeu, na lei nova, à do sábado, não em virtude de um preceito de lei; mas, pela constituição da Igreja e pelo costume do povo cristão. Nem essa observância é figurada, como o era a do sábado, na lei antiga. Por isso, não é tão rigorosa a proibição de trabalhar no domingo como o era no dia do sábado; pois, certas obras,

³¹ Uma recente tradução e edição crítica foi lançada pela Universidade Federal de Uberlândia/MG pela professora Maria Cristina Martins. cf. MARTINS, Maria Cristina. *Peregrinação de Egéria: uma narrativa de viagem aos Lugares Santos*. Uberlândia: EDUFU, 2017.

³² AUGÉ, 2019, p. 110.

³³ INÁCIO DE ANTIOQUIA. Inácio aos Magnésios, n. 9. In: *Padres apostólicos: Clemente romano, Inácio de Antioquia, Policarpo de Esmirna, O pastor de Hermas, Papias, Didaqué*. 2 ed. São Paulo: Edições Loyola, 1997.

³⁴ cf. PAPA JOÃO PAULO II. JOÃO PAULO II. *Carta Apostólica Dies Domini: sobre a santificação do Domingo*, DD. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 1998. Disponível em: <<https://x.gd/zrPTn>>. Acesso em: 06 jun., 2024.

como a de cozer os alimentos e outros, são permitidas no domingo, que eram proibidas no sábado. E também mais facilmente, na vigência da lei nova, que na da lei antiga, se obtém licença de fazer certas obras proibidas, por causa de necessidade. Porque a figura serve para manifestar a verdade, que nem em parte mínima deve ser modificada; ao contrário, as obras, em si mesmas consideradas, podem mudar-se conforme o lugar e o tempo³⁵.

Contemplados os excertos de testemunhos extrabíblicos, sinalizamos que o mundo contemporâneo, cada vez mais marcado pela industrialização e pela secularização, trouxe à tona novas realidades pastorais para a santificação do tempo. Os desafios fizeram com que a Igreja se posicionasse cada vez mais em defesa da promoção do Dia do Senhor. Posicionamentos que abordaremos no próximo ponto.

1.3 O MAGISTÉRIO RECENTE DA IGREJA CATÓLICA

O Concílio Vaticano II não deixou de abordar a importância da santificação do tempo e, não obstante a diversas opiniões contrárias, manteve inalterado o preceito dominical³⁶. O quinto capítulo da “Constituição *Sacrosanctum Concilium*” (SC), sobre a sagrada liturgia, que aborda o tema do ano litúrgico, possui um número dedicado à revalorização do Domingo. É uma síntese preciosa sobre o Dia do Senhor, a qual aponta a sua origem apostólica, o modo como os católicos devem santificá-lo e a sua importância acima das outras festas litúrgicas dentro do calendário, ratificando que:

Por tradição católica que tem sua origem no dia mesmo da ressurreição de Cristo, a Igreja Celebra cada oitavo dia o mistério pascal, naquele que se chama justamente o dia do Senhor ou domingo. Neste dia, pois, devem, os fiéis reunir-se em assembleia para ouvirem a palavra de Deus e participarem da eucaristia, e assim recordarem a paixão, ressurreição e glória do Senhor Jesus e darem graças a Deus que os “gerou de novo pela ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos para uma esperança viva” (1Pd 1,3). O domingo é pois, o principal dia de festa que deve ser lembrado e inculcado à piedade dos fiéis: seja também o dia de alegria e da abstenção do trabalho. As outras celebrações não lhe sejam antepostas, a não ser de máxima importância, porque o domingo é o fundamento e o núcleo do ano litúrgico (SC 106)³⁷.

³⁵ AQUINO, Santo Tomás de. *Suma Teológica*. 2 ed. v. 6. São Paulo: Edições Loyola, 2016, II-II, q.122, a.4, ad.4.

³⁶ cf. CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO, CIC. São Paulo: Edições Loyola, 2022, nota n. 1247.

³⁷ CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Sacrosanctum Concilium*: sobre a sagrada liturgia, SC. São Paulo: Paulus, 1997.

O novo “Código de Direito Canônico” (CIC), por sua vez, promulgado pelo Papa João Paulo II, quando normatiza os tempos sagrados também estabelece as normas para o cumprimento da lei eclesial. Ele define que apenas a suprema autoridade eclesial pode “estabelecer, transferir, abolir dias festivos” (CIC cân. 1244), de modo que os Bispos diocesanos somente podem decretar dias festivos ou de penitência peculiares ocasionalmente. Em ou cânone apresenta a possibilidade de concessão de “dispensa da obrigação de guardar um dia festivo ou um dia de penitência ou a comutação em outras obras pias” (CIC cân. 1245) por parte do pároco, ou superior do instituto religioso ou da sociedade de vida apostólica. Em contraposição ao “Código de 1917”, que restringia essa faculdade de dispensa do preceito apenas a individualmente aos fiéis ou às famílias, agora no novo código a dispensa pode ser dada para toda a comunidade diocesana ou paroquial, desde que cumpra as três condições necessárias para a validade da dispensa, a saber, uma justa causa, em um caso concreto e que esteja conforme as prescrições do bispo diocesano³⁸.

Três cânones versam acerca do Domingo. O primeiro (cf. CIC cân. 1246), relembrando a tradição apostólica, trata da obrigação de guardar o Domingo e os dias de festivo preceito para toda a Igreja e do modo como as conferências episcopais podem, com a aprovação prévia da Sé Apostólica, abolir esses dias ou até mesmo transferi-los para o Domingo³⁹. Conforme está escrito no primeiro parágrafo do cânone 1246,

O domingo, dia em que por tradição apostólica se celebra o mistério pascal, deve ser guardado em toda a Igreja como dia de festa. Devem ser

³⁸ De modo concreto, essa dispensa foi utilizada durante a recente pandemia do SARS-CoV em várias dioceses do mundo. Por exemplo, na Arquidiocese de Goiânia, logo após os decretos civis de restrição de aglomeração de pessoas e de livre circulação, Dom Washinton Cruz, CP., então arcebispo metropolitano de Goiânia, emitiu uma comunicado oficial sobre o Coronavírus, o qual continha orientações dizendo que, à época, os “fiéis ficam dispensados da obrigação, prevista no cân. 1247, de participar presencialmente das celebrações da Santa Missa. Portanto, estão dispensados do cumprimento do preceito dominical, podendo cumpri-lo assistindo com devoção e seriedade à Santa Missa, durante esse período, pelos meios de comunicação: TV, internet, rádio etc...”. CRUZ, CP, Dom Washington. Segundo comunicado orienta sobre o Coronavírus. *Arquidiocese de Goiânia*, Goiânia, 18 mar. 2020. Disponível em: <<https://x.gd/d1f2f>>. Acesso em: 04 jun., 2024.

³⁹ O parágrafo segundo do cânone 1246 (cf. CIC), pode ser aplicado de forma a contradizer o número 106 da *Sacrosanctum Concilium*. Um exemplo dessa contradição é o pedido da Conferência Episcopal Brasileira para a mudança das festas de São Pedro e São Paulo e da Assunção de Maria para o Domingo subsequente.

guardados igualmente o dia do Natal de Nosso Senhor Jesus Cristo, da Epifania, da Ascensão e do santíssimo Corpo e Sangue de Cristo, Santa Maria Mãe de Deus, de sua Imaculada Conceição e Assunção, São José e dos Santos Apóstolos Pedro e Paulo, e por fim de Todos os Santos.

O segundo cânone, trata sobre a obrigação de participar da missa e da abstenção de “trabalhos e negócios que impeçam o culto a prestar a Deus, a alegria própria do dia do Senhor, ou o devido repouso do espírito e do corpo” (CIC cân. 1247). É importante ressaltar aqui a mudança dos termos em relação ao antigo “Código”, que trazia expressão ‘ouvir’, enquanto o novo “Código”, em consonância com o Concílio Vaticano II, prefere utilizar o termo participar (cf. CIC cân. 1247). O texto final resistiu às opiniões contrárias ao preceito dominical e a Comissão da Reforma negou os pedidos para que o preceito fosse cumprido pela obrigação de participar da missa apenas uma vez por semana e que onde não houvesse a Santa Missa se pudesse substituir de modo obrigatório por uma celebração da palavra (cf. CIC cân. 1247).

Nesse sentido, o terceiro e último, prescreve que o fiel deve participar de uma missa de rito católico em qualquer lugar onde ele o consiga, no próprio dia festivo ou na tarde do dia anterior. O segundo parágrafo desse cânone assegura que

Por falta de ministro sagrado ou por grave causa, se a participação na celebração eucarística se tornar impossível, recomenda-se vivamente que os fiéis participem da liturgia da Palavra, se houver, na igreja paroquial ou em outro lugar sagrado, celebrada segundo as prescrições do Bispo diocesano; ou então se dediquem a oração por tempo conveniente, pessoalmente ou em família, ou em grupos de famílias de acordo com a oportunidade (CIC, can. 1248, § 2).

O ‘Catecismo da Igreja Católica’ (CEC) retoma toda a relação entre o sábado e o Domingo, entre a antiga e a nova aliança, entre a primeira criação, a libertação da escravidão do Egito e a redenção em Jesus Cristo. O texto também retoma, citando Santo Tomás de Aquino, a concepção moral-naturalista de culto a Deus e afirma que o “culto dominical cumpre o preceito moral da Antiga Aliança, cujo ritmo e espírito retoma ao celebrar cada semana o Criador e o Redentor do seu povo” (CEC 2176)⁴⁰. Afirmando assim que:

Jesus ressuscitou dentre os mortos “no primeiro dia da semana” (Mc 16,2). Enquanto “primeiro dia”, o dia da Ressurreição de Cristo lembra a primeira

⁴⁰ CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, CEC. São Paulo: Edições Loyla, 2000.

criação. Enquanto “oitavo dia”, que segue ao sábado, significa a nova criação inaugurada com a Ressurreição de Cristo. Para os cristãos, ele se tomou o primeiro de todos os dias, a primeira de todas as festas, o dia do Senhor (“*Hé kyriaké hemera*”, “*dies dominica*”), o “domingo” (CEC 2174).

Poucos meses depois da publicação da edição típica latina do “Catecismo”, o Papa João Paulo II ofereceu outra enorme contribuição para a compreensão da doutrina e aplicação pastoral para a santificação do Domingo. Destinada ao episcopado, ao clero e aos fiéis da Igreja Católica, a carta apostólica “*Dies Domini*” (DD) fundamenta essa doutrina em cinco eixos. As duas primeiras partes, *Dies Domini* e *Dies Christi* retomam a revelação do dia de descanso e de santificação do trabalho divino na criação do mundo e como a plena revelação em Cristo Jesus foi capaz de dar o pleno cumprimento a lei mosaica.

Os capítulos *Dies Ecclesiae* e *Dies Hominis* destacam os elementos que compõe o Domingo na Igreja de Cristo e de como os cristãos fazem emanar, para todos, as graças de suas assembleias, elevando a condição humana para esse encontro com o Criador. Transformam, com isso, as leis e as sociedades para que possam ser capazes de garantir o descanso necessário e a alegria plena pelo tempo dedicado para a vida. Por fim, o último capítulo, *Dies Dierum*, aponta para a realidade escatológica da ação de Cristo no mundo e no tempo, sem descuidar da vivência habitual desse dia e de cada semana no ano litúrgico, bem como da experiência do compromisso eclesial que se aprofunda ainda mais nos mistérios de Cristo.

Já no ‘Compêndio da Doutrina Social da Igreja’ (CDSI) encontramos a defesa do repouso festivo em contraposição aos ataques de uma sociedade que sofre cada vez mais com o risco de se ver presa ao trabalho. Dois parágrafos do documento apresentam a realidade da fé na criação e no repouso do Criador, da qual derivam a necessidade e o direito das criaturas ao descanso acompanhado por uma caridade ativa cuja atenção se dirige à família e àqueles que mais precisam de cuidados. O parágrafo subsequente adverte as autoridades públicas e os empregadores para que garantam o tempo necessário ao descanso e ao culto divino reconhecidos pelas leis civis, e todos os cristãos para que publicamente deem o exemplo da sua oração e da alegria em guardar suas tradições, de modo que

também os crentes de outras confissões não sejam impedidos de guardar o Dia santo (cf. CDSI 284-286)⁴¹.

Outros dois eventos merecem destaque por terem se aprofundado nesse mesmo tema. Em 2005 a Pontifícia Comissão para a América Latina promoveu uma Reunião Plenária com o tema “A Missa Dominical, centro da vida cristã na América Latina”⁴². Em 2006, a Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos promoveu um dia de estudos com o tema “A missa dominical para a santificação do povo cristão” por motivo do aniversário de promulgação da constituição conciliar sobre a sagrada liturgia⁴³.

Enfim, no pontificado do Papa Francisco é possível destacar algumas contribuições que seguem a esteira dos pontificados anteriores. Em sua primeira exortação apostólica, “*Evangelii Gaudium*” (EG), ele incentivou aos pregadores que preparassem com ardor a homilia dominical para que as leituras do Domingo ressoassem com todo o seu brilho no coração do povo de Deus, pois por primeiro ressoaram no coração do pastor (cf. EG 149)⁴⁴. E na sua carta magna sobre o cuidado da casa comum, “*Laudato Si*” (LS), o Pontífice retoma elementos da doutrina social da Igreja afirmando que o ser humano:

tende a reduzir o descanso contemplativo ao âmbito do estéril e do inútil, esquecendo que deste modo se tira à obra realizada o mais importante: o seu significado. Na nossa atividade, somos chamados a incluir uma dimensão receptiva e gratuita, o que é diferente da simples inatividade. Trata-se doutra maneira de agir, que pertence à nossa essência. Assim, a ação humana é preservada não só do ativismo vazio, mas também da ganância desenfreada e da consciência que se isola buscando apenas o benefício pessoal. A lei do repouso semanal impunha abster-se do trabalho no sétimo dia, “para que descansem o teu boi e o teu jumento e tomem fôlego o filho da tua serva e o estrangeiro residente” (Ex 23, 12). O repouso é uma ampliação do olhar, que permite voltar a reconhecer os direitos dos outros. Assim o dia de descanso, cujo centro é a Eucaristia, difunde a sua

⁴¹ PONTIFÍCIO CONSELHO “JUSTIÇA E PAZ”. *Compêndio da doutrina social da Igreja*, CDSI. 7 ed. São Paulo: Paulinas, 2011.

⁴² cf. PONTIFÍCIA COMISSÃO PARA A AMÉRICA LATINA. *A missa dominical, centro da vida cristã na América Latina*: recomendações pastorais. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 2005. Disponível em:

<[http://www.americalatina.va/content/dam/americalatina/Documents/7\)%20Recomendaciones%20Pastorales%20La%20misa%20domenical%20POR.pdf](http://www.americalatina.va/content/dam/americalatina/Documents/7)%20Recomendaciones%20Pastorales%20La%20misa%20domenical%20POR.pdf)>. Acesso em: 03 jun. 2024.

⁴³ cf. PAPA BENTO XVI. A sacralidade do domingo e a importância da missa: mensagem do Papa a participantes da Jornada de estudos sobre a “Sacrosanctum Concilium”. *Rádio Vaticana*, Vaticano, 04 dez. 2006. Disponível em: <<https://x.gd/Dzpa4>>. Acesso em: 04 jun., 2024.

⁴⁴ PAPA FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual, EG. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 2105. Disponível em: <<https://x.gd/KAbog>>. Acesso em: 09 jun., 2024

luz sobre a semana inteira e encoraja-nos a assumir o cuidado da natureza e dos pobres (LS 237)⁴⁵.

1.4 AS REALIDADES PASTORAIS E OS OBSTÁCULOS

Mesmo com a abundância de fundamentos bíblicos, com a Sagrada Tradição e todos os elementos teológicos que compõe a santificação do Domingo, sempre houve na comunidade cristã pessoas que não observaram essa lei. Na “Carta aos Hebreus”, o autor sagrado já advertia aqueles que faltavam às reuniões, como podemos averiguar: “Não deixemos nossas assembleias como alguns costumam fazer. Procuremos, antes, animar-nos sempre mais, à medida que vedes o Dia se aproximar” (Hb 10,25).

Em nossos dias, também encontramos entre os fiéis católicos muitas dificuldades e obstáculos para viver plenamente o Domingo como um verdadeiro dom de Deus e um compromisso eclesial. As leis civis, principalmente as trabalhistas, são as que mais se colocam como obstáculos. Para outros, o Domingo se tornou um dia de descanso estéril ou inútil⁴⁶.

Mesmo entre aqueles que se esforçam por uma frequência assídua da celebração dominical, encontra-se a dificuldade de uma observância legalista do preceito ou uma participação hereditária que incide em ausências não programadas ao longo do ano. Há ainda a possibilidade de que os fiéis do espaço urbano possam muitas vezes se sentir motivados a participar pelos motivos errados. E por fim, as mais diversas discussões teológicas contrárias ao Domingo cristão também podem obnubilar os fundamentos que fazem desse dia um verdadeiro dom de Deus.

O Domingo “realiza na celebração sacramental o encontro da Igreja com o Senhor glorificado”⁴⁷, com a solene expectativa de que esse mesmo Senhor irá retornar para a celebração do Domingo que não terá fim. Mesmo que as três maiores religiões monoteístas tenham em comum a observação de um dia na

⁴⁵ PAPA FRANCISCO. *Carta encíclica Laudato Si: sobre o cuidado da casa comum*, LS. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 2015. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html>. Acesso em: 09 jun., 2024.

⁴⁶ Iremos aprofundar essas situações e elencar os possíveis elementos pastorais no terceiro capítulo.

⁴⁷ AUGÉ, 2019, p. 109.

semana⁴⁸, somente o “domingo, primeiro e oitavo dia, e sobretudo dia da ressurreição de Cristo, quer ser memória da criação e de sua realização que transcende no Reino futuro, memória de uma salvação já acontecida em Cristo, mas que espera ainda a sua realização para sempre e para todos”⁴⁹.

O Domingo cristão é o núcleo e a síntese do projeto de amor e salvação de Jesus Cristo para todos os homens. Crescer no seu conhecimento faz com que tenhamos mais condições de abraçar a fé e responder com maior generosidade a esse amor divino, no seio da Igreja e da humanidade. Portanto, no próximo capítulo queremos nos aprofundar nessa análise partindo da perspectiva do teólogo alemão Joseph Ratzinger.

⁴⁸ “[Um] dia que faz referência à semana bíblica da criação. As três festas referem-se a uma imagem (e, portanto, do ser humano). A sexta-feira, dia do qual Deus criou o ser humano, que mostra o seu incondicional e absoluto senhorio sobre o mundo e sobre o ser humano, que nos seus confrontos é o submisso. O sábado, dia do repouso de Deus, recorda que o mundo foi confiado ao ser humano [...]. Uma precisa responsabilidade nos confrontos da humanidade, Deus confiou ao seu parceiro na história, Israel”. AUGÉ, 2019, p. 111.

⁴⁹ AUGÉ, 2019, p. 111.

2 O DOMINGO CRISTÃO POR JOSEPH RATZINGER

Quando o vigário cantava as palavras:
 “Cristo ressuscitou”, as cortinas de repente
 eram recolhidas e uma luz radiante fluía pelo espaço.
 Era a mais impressionante representação
 da ressurreição do Senhor de que eu posso me lembrar
 - Joseph Ratzinger

Após um breve panorama da teologia do Domingo, neste capítulo queremos fazer um recorte temático sobre a obra do teólogo Joseph Ratzinger. Sua vasta produção, composta por livros, artigos, entrevistas e documentos do seu magistério petrino, contemplou vários temas, entre os quais a liturgia. Esse sempre ocupou um lugar de destaque e não é “de modo algum uma questão marginal”⁵⁰, pois “por meio dela que se toca o coração da fé cristã”⁵¹.

Inspiradas pelos teólogos liturgistas de sua época⁵² e no caminho das reflexões advindas posteriormente à Constituição Litúrgica do Concílio Vaticano II, encontram-se as teses acerca da liturgia de nosso autor. O pensamento de Ratzinger sobre o Domingo fundamenta-se em suas reflexões sobre a celebração da Eucaristia, fonte e ápice da vida cristã (cf. EASC 3)⁵³. Não entraremos, porém, nas reflexões sobre a Eucaristia ou sobre *Communio*, nos limitando a uma compreensão propedêutica, mas necessária para elucidar o significado do Domingo cristão.

2.1 O TEMPO E O LUGAR CELEBRATIVO

Ao abordarmos esse conteúdo da fé cristã é importante estabelecermos os paralelos específicos de diferenciação que a santificação que um tempo para o culto cristão tem em relação às religiões naturais e o culto as suas divindades. Nos

⁵⁰ SANTOS, Mauro Francisco dos. A relação entre Eucaristia e Igreja no pensamento de Joseph Ratzinger. *Departamento de Teologia - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro*, Tese, p. 14, Rio de Janeiro, 2022. (Doutorado em Teologia). Disponível em: <<https://x.gd/g91iV>>. Acesso em: 03 jun., 2024.

⁵¹ SANTOS, 2022, p. 14.

⁵² cf. GAMA, Saulo da Silva. A influência do pensamento de Romano Guardini na construção e desenvolvimento da teologia litúrgica de Joseph Ratzinger à luz das obras O Espírito da Liturgia e O Espírito da Liturgia: uma introdução. *Departamento de Teologia - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro*, Dissertação, p. 53, Rio de Janeiro, 2020. (Mestrado em Teologia). Disponível em: <<https://x.gd/2Hg6i>>. Acesso em: 03 jun., 2024.

⁵³ cf. PAPA BENTO XVI. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Sacramentum Caritatis*: sobre a Eucaristia, fonte e ápice da vida e da missão da Igreja, EASC. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2007b. Disponível em: <<https://x.gd/bGTLz>>. Acesso em: 10 jun., 2024.

primeiros capítulos da obra 'O Espírito da Liturgia uma Introdução'⁵⁴ ele aponta as diferenças basilares entre essas religiões e o cristianismo.

O culto ao Deus de Israel não existiu sob a medida de normativas políticas, mas era praticado conforme a revelação e os critérios divinos para a sua realização⁵⁵. Isso pode ser compreendido desde que o povo escolhido foi libertado da escravidão do Egito para que pudesse adorar o seu Deus no deserto. Portanto,

a verdadeira liturgia pressupõe que Deus responda e mostre como nós podemos adorá-lo. Ela implica, de alguma maneira, uma espécie de "instituição". Não pode brotar da nossa fantasia, da nossa própria criatividade, sem permanecer como um grito no escuro ou se transformar em uma autoafirmação. Ela pressupõe diante de nós o Destinatário concreto, que se mostra a nós e com isso orienta a nossa existência na direção correta⁵⁶.

Ratzinger afirma que "o culto cristão é, deste modo, um concreto cumprimento e um realizar-se das palavras que Jesus proclamou no primeiro dia da semana da Paixão, no Domingo de Ramos, no Templo de Jerusalém: "Quando for elevado da terra, atrairei tudo a mim" (Jo 12,32)"⁵⁷. O culto cristão é, portanto, uma atração para todos os homens da terra e de todos os tempos à pessoa de Jesus Cristo, e o acontecimento histórico que marcou para sempre essa mudança do lugar do culto é a ressurreição de Cristo.

Se, com Moisés, o grande profeta, temos a construção da tenda provisória que marca os ordenamentos litúrgicos e jurídicos, juntamente com os ensinamentos morais, em Cristo temos o grande profeta esperado. Esse corpo após ser marcado pela inteira obediência a vontade de Deus Pai e passando pelo verdadeiro e único sacrifício em sua morte e com sua ressurreição, como afirma Ratzinger⁵⁸:

[...] começaria o novo templo: o corpo vivo de Jesus Cristo, que, agora, se encontra ao lado de Deus e será o lugar de todo o culto. Neste corpo ele acolhe os homens. Ele é a tenda não construída pelas mãos dos homens, o espaço da verdadeira adoração de Deus, que sucede a "sombra" e a substitui com a realidade.

⁵⁴ cf. RATZINGER, Joseph. *Teologia da Liturgia: o fundamento sacramental da existência cristã*. v. 11. Brasília: Edições CNBB, 2019, p. 46. (Obras Completas)

⁵⁵ cf. RATZINGER, 2019, p. 33.

⁵⁶ RATZINGER, 2019, p. 36.

⁵⁷ RATZINGER, 2019, p. 46.

⁵⁸ RATZINGER, 2019, p. 52.

A santificação de um determinado tempo para Deus deve cumprir esses elementos que acabamos de apontar e estar fundamentada na nova e eterna aliança que foi estabelecida por Cristo Jesus.

2.2 OS FUNDAMENTOS BÍBLICOS E HISTÓRICOS

Em seu livro 'Jesus de Nazaré: da entrada em Jerusalém até a Ressurreição'⁵⁹, nosso autor comenta as passagens bíblicas basilares para a constituição do Domingo como o Dia do Senhor. Ele destaca o dia da Páscoa, o primeiro dia, o qual, marcado pela ressurreição do Senhor e seus encontros com os seus discípulos, "tornava-se espontaneamente o momento do culto cristão, o Domingo, o 'Dia do Senhor'"⁶⁰.

Citadas no primeiro capítulo deste trabalho, também nosso autor comenta as passagens do novo testamento corroborando os fundamentos bíblicos e apostólicos para o estabelecimento do Domingo como dia do culto cristão. No livro dos Atos dos Apóstolos (cf. 20,6-11) temos Paulo presente numa reunião em Trôade, apontando que "já no período dos apóstolos, a 'divisão do pão' tinha sido fixada na manhã da ressurreição: a Eucaristia era celebrada como encontro com o Ressuscitado"⁶¹. Igualmente encontramos a indicação do Apóstolo dos gentios aos Corintos (cf. 1Cor 16,2), exortando que a coleta para Jerusalém acontecesse no primeiro dia da semana. Mesmo que não haja nessa última passagem uma referência clara da celebração eucarística, confirma nosso autor que "obviamente o domingo é o dia da assembleia da comunidade de Corinto e assim, evidentemente, também o dia do seu culto"⁶². Por fim, ele também menciona o décimo versículo do primeiro capítulo do Apocalipse de São João no qual, de modo primaz, se encontra a expressão "Dia do Senhor" como designação do Domingo⁶³.

O nosso autor ainda menciona dois escritos próximos desse período apostólico para corroborar que essa "tradição já está claramente fixada [...] como se

⁵⁹ RATZINGER, Joseph. *Jesus de Nazaré: da entrada em Jerusalém até a ressurreição*. São Paulo: Planeta, 2016.

⁶⁰ RATZINGER, 2016, p. 133.

⁶¹ RATZINGER, 2016, p. 134

⁶² RATZINGER, 2016, p. 134.

⁶³ cf. RATZINGER, 2016, p. 134.

de uma coisa totalmente óbvia se tratasse”⁶⁴. A ‘Didaqué’ já contém a orientação para a reunião no Dia do Senhor, a ação de graças sobre o pão partido, e Inácio de Antioquia já distinguia os cristãos como aqueles que vivem segundo o dia do Domingo e não como aqueles que celebram o sábado⁶⁵.

O pensamento de Ratzinger se mostra contrário a todo “arcaísmo” pois compreende que aquilo que Cristo pediu que se fizesse em memória dele não era uma imitação da ‘Última Ceia’, mas uma dádiva ainda maior⁶⁶. A ‘berakha⁶⁷’ foi cada vez mais se distanciando da nova ação de graças que se tornou o novo modelo de culto dos seguidores do Verbo Encarnado, que agora passam a glorificá-lo nas palavras do verdadeiro cordeiro de Deus⁶⁸. Na verdade, conforme nosso autor:

o dia da ressurreição é o lugar exterior e interior do culto cristão, e a ação de graças como antecipação criadora da ressurreição por parte de Jesus é a maneira como o Senhor faz de nós pessoas que dão graças com Ele, a maneira como Ele, no dom, nos abençoa e envolve na transformação, que a partir dos dons deve alcançar-nos e expandir-se no mundo, “até que ele venha” (1Cor 11,26)⁶⁹.

Uma das principais referências históricas sobre esse tema são os mártires da Abitínia, atual Tunísia. Perseguidos por Diocleciano, imperador romano no ano de 304, esses cristãos afirmam com a própria vida que não era possível a um cristão viver sem o dia do Senhor⁷⁰.

⁶⁴ RATZINGER, 2016, p. 134.

⁶⁵ cf. RATZINGER, 2016, p. 134.

⁶⁶ Nosso autor faz aqui referência ao grande estudioso da história da Santa Missa, Josef Andreas Jungmann, no qual demonstra como “todas as liturgias desenvolveram a oração de agradecimento pronunciada sobre o pão e o vinho [...]. Aquilo que a Igreja celebra na Missa não é a Última Ceia, mas o que o Senhor, durante a Última Ceia, instituiu e confiou à Igreja: o memorial da sua morte sacrificial”. JUNGSMANN, 1970 *apud* RATZINGER, 2016, p. 133. Devido ao recorte temático de nossa pesquisa não abordaremos a fundo a questão sobre o conteúdo do culto dominical cristão, deixando ao critério do leitor a procura do tema evocado.

⁶⁷ É um termo judaico utilizado para se referir a benção de Deus. É um conceito profundo, que também inclui ‘ser abençoado’ e ‘ficar repleto da benção’. cf. SODI, M. BENÇÃO in In: Dicionário de Liturgia. DOMENICO, Sartore; TRIACCA, Achille M. (orgs.). Tradução: Isabel Fontes Leal Ferreira. São Paulo: Paulus, 1992, p. 305.

⁶⁸ cf. RATZINGER, 2016, p. 132.

⁶⁹ RATZINGER, 2016, p. 135.

⁷⁰ Nos ensinamentos do Papa Bento XVI também encontramos as reminiscências dessa reflexão teológica. cf. PAPA BENTO XVI. *Homilia do Santo Padre na Solene Concelebração Eucarística na Catedral de Santo Estêvão*. Viena, 09 set. 2007c. Disponível em: <<https://x.gd/viKM2>>. Acesso em: 04 jun., 2024.

2.3 A TEOLOGIA DO DOMINGO

Ratzinger propõe, de igual modo, a sua teologia do Domingo a partir de um fragmento da “Primeira carta de São Paulo aos Coríntios”: “ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras” (16,4). Ele recorda que este fragmento está inserido no Credo da Igreja. Esse versículo evoca dois momentos distintos⁷¹. O primeiro é lembrança da descoberta do túmulo vazio e quando o ressuscitado apareceu aos seus discípulos. O segundo é o cumprimento das Escrituras, aqui se referindo ao Antigo Testamento, desse dia “preestabelecido [...] para este acontecimento fundamental da história universal”⁷². Trata-se do terceiro dia na aliança do Sinai, que é o dia da manifestação do Senhor⁷³. Uma verdadeira teofania com raios, trovões, fumaça e barulhos de chofar (cf. Ex 19,16). Se antes há uma advertência para que o povo libertado da escravidão no Egito não toque na montanha sagrada, no novo e definitivo terceiro dia, temos um Deus que se deixa tocar fisicamente mostrando que ele “conservou o seu poder na história, que não cedeu às leis da natureza”⁷⁴.

A teofania de Cristo resume em si mesmo sua passagem e superação da morte, o acolhimento do corpo humano na eternidade e o reestabelecimento da legalidade violada pelo pecado, fazendo justiça “não somente para os vivos ou para uma geração futura ainda incerta, mas justiça para além da morte, justiça para o Morto e para os mortos, para todos”⁷⁵. Ela ratifica a criação divina, superando as marcas do pecado e da morte, dizendo de maneira eterna e definitiva que toda a criação é boa e transformando tudo aquilo que era passageiro em uma realidade imutável⁷⁶.

O teólogo alemão também aponta a conexão entre o Domingo e a Eucaristia. A grandeza da ressurreição de Cristo não pode ficar obnubilada por outros tantos eventos históricos posteriores, os quais apresentam o risco de afastar-

⁷¹ A nota n. 3 traz uma vasta discussão sobre como essa expressão da era apostólica, resume a fundamentação histórica e teológica. Nosso autor conclui que é fraca uma análise que se privasse de um desses dois aspectos, pois “não somente priva o Domingo cristão de sua base, mas desencarna a Ressurreição e destrói, assim, o fundamento da fé cristã em geral”. RATZINGER, 219, p. 225.

⁷² RATZINGER, 2019, p. 225.

⁷³ “e estejam prontos para o terceiro dia, pois ao terceiro dia o Senhor descera sobre o monte Sinai, à vista de todo o povo” (Ex 19,11).

⁷⁴ RATZINGER, 2019, p. 226.

⁷⁵ RATZINGER, 2019, p. 226.

⁷⁶ cf. RATZINGER, 2019, p. 227.

nos temporalmente desse evento primordial e final para a nossa existência, fazendo-nos pouco a pouco que nos apeguemos somente às coisas passageiras desse mundo. Ao contrário das coisas que passam “Ele [Cristo] permanece presença. A Eucaristia é o presente do Ressuscitado, que nos sinais da sua dedicação total, doa continuamente a Si mesmo e é assim a nossa vida”⁷⁷. Existe aqui uma profunda ligação entre o Primeiro dia, o qual chamamos de dia da criação, no qual Deus fez a luz, o terceiro dia, com a sua grandeza nos relatos do Novo Testamento, e o oitavo dia, que se torna redenção⁷⁸.

2.4 O DOMINGO E O SÁBADO

A problemática da relação entre o sábado (*shabbat*) e o Domingo também é abordada pelo autor bávaro. Ele não foge da controvérsia em seus escritos indicando que a resposta não é unívoca no Novo Testamento, mas indica que somente será solucionada nos séculos posteriores. Ele cita os embates dos evangelhos sinópticos (cf. Mc 2,23 – 3,6; Lc 6,1-11; Mt 12,1-14)⁷⁹ em que Jesus mesmo advertia sobre a compreensão errada do dia de sábado pelos fariseus e, na mesma lógica, as falas de Paulo que evocam a liberdade sobre a lei (cf. Gl 3,23-29; Rm 10,4), as quais, conseqüentemente, colocam em questão as obrigações do calendário judaico. Também Santo Inácio de Antioquia já interpelava sobre dois modos de viver: um designado como o do “homem do sábado”, que estava ainda preso aos caminhos normativos, e o que “vive segundo o Dia do Senhor”⁸⁰.

A passagem da observância do *shabbat* judaico para o Domingo cristão possui um caminho histórico e, portanto, progressivo de assimilação da “continuidade e a novidade da realidade cristã”⁸¹. Ratzinger é enfático ao dizer que o Domingo é um “encontro com o Cristo presente, um encaminhar-se em direção a sua vinda final e em tudo isto, ao mesmo tempo, estava a presença da Cruz com a

⁷⁷ RATZINGER, 2019, p. 227.

⁷⁸ Para maiores considerações retornar ao primeiro capítulo deste trabalho. A bibliografia usada em nosso trabalho foi também, em grande parte, indicada como pesquisa na nota n. 5 pelo nosso autor. cf. RATZINGER, 2019, p. 228.

⁷⁹ Essas citações referem-se aos episódios das espigas arrancadas e a cura da mão de um homem em dia de sábado.

⁸⁰ RATZINGER, 2019, p. 229.

⁸¹ RATZINGER, 2019, p. 229.

sua verdadeira elevação, como evento do seu amor que se distribui em dom”⁸². Esse encontro com o Cristo Ressuscitado foi decisivo para o novo dia da assembleia cristã, por mais que o sábado carregasse consigo o significado cultural, o nexo com a temática da criação e fosse, notoriamente, o dia do descanso semanal.

Para a temática da criação, foi preciso estabelecer o entendimento de que a “Ressurreição conecta o início e fim, criação e restauração”⁸³, tendo como base bíblica o hino cristológico da “Carta aos Colossenses” (cf. Cl 1,15-20) no qual Cristo é chamado de primogênito da criação, dos mortos e artífice pelo qual Deus fará, consigo mesmo, a reconciliação de todos. Essa síntese aponta para os elementos que já estavam presentes no sábado, mas que permaneceram velados até a revelação cristológica.

Outra questão que também se apresenta eminente, é a presença da observância do sábado no decálogo. O catedrático alemão aponta que Paulo, apesar de suas duras críticas à observância estrita da lei mosaica em contraste com a graça de Cristo, concorda que o decálogo “permanece plenamente em vigor e que por meio dele os cristãos conservam a Lei e Profetas em sua inteireza, em sua verdadeira profundidade”⁸⁴, não obstante a necessidade de que ele deva ser relido e interpretado a partir da presença e na pessoa do Cristo. E nesse ponto ele aponta para os elementos constitutivos da teologia do sábado.

O descanso sabático, nos primeiros séculos da Igreja, era observado conjuntamente por judeus e cristãos, pois o cristianismo ainda não gozava de direito público, sendo considerado uma religião ilícita. Somente com o Edito de Constantino (313), promulgado pelo imperador homônimo, os cristãos poderão se beneficiar da concordância do dia de descanso com o seu próprio dia de orações⁸⁵. Mas, uma novidade parece estar presente nesse momento histórico, a concordância em manter a observância do sábado e do Domingo chegando ao ponto de declará-los

⁸² RATZINGER, 2019, p. 229.

⁸³ RATZINGER, 2019, p. 229.

⁸⁴ RATZINGER, 2019, p. 231.

⁸⁵ Conforme afirma o historiador Daniel Rops, o “domingo, que já não era o dia do Sol mas o da Ressurreição, passou a ser de descanso obrigatório e foi colocado na mesma categoria das tradicionais *feriae* pagãs”. ROPS, Daniel. *A igreja dos apóstolos e dos mártires*. v. 1. São Paulo: Quadrante, 2014, p. 421.

como dias ‘irmãos’. Entretanto, isso não impede Gregório de Nissa⁸⁶ de observar que o Domingo tem a primazia.

O Sábado é um convite “à reverência e a gratidão em relação ao Criador e a sua criação”⁸⁷, pois mesmo que indique os alicerces do culto a Deus, insere-nos mais em uma dinâmica de “que o nosso uso das coisas do mundo não deve esquecer este reconhecimento do fundamental direito de propriedade de Deus”⁸⁸. A nossa relação com a criação deve sempre ser pautadas nessa medida de gestão e serviço. O sábado é o dia “da liberdade de Deus e é o dia da participação do homem na liberdade de Deus”⁸⁹. Uma liberdade que não seria apenas memória dos acontecimentos históricos do povo de Israel, mas que se faz como uma atividade ativa dessa liberdade divina.

Realmente, o culto veterotestamentário tinha como base o sacrifício de representação, expresso no sacrifício de Abraão (cf. Gn 22,1-19) e na liturgia pascal do povo de Deus no Egito. No primeiro exemplo é Deus mesmo que apresenta um cordeiro para ser ofertado no lugar de Isaac e no segundo, os cordeiros imolados nas casas judaicas livrava os primogênitos da morte, de igual modo substitutivo. Porém ele foi marcado pela crítica dos profetas e pelo tempo do exílio na Babilônia, no qual os judeus ficaram sem as práticas rituais do templo, prestando a Deus somente o culto da palavra. Ratzinger afirma, portanto, que o “culto do templo foi sempre acompanhado por uma ardente consciência da sua insuficiência”⁹⁰. Cristo assume completamente o culto da antiga aliança, pois é ele o verdadeiro cordeiro, ofertado por Deus, e o primeiro de toda criação. Conforme sintetiza o teólogo bávaro:

Esta Páscoa de Cristo, todavia, não apaga a visão da narrativa da criação, mas lhe confere a sua plena concretização. O culto cristão é a antecipação da liberdade partilhada, na qual o homem imita Deus, torna-se “imagem de Deus”. Uma tal liberdade, porém, pode ser antecipada somente porque a criação, desde o princípio, idealizada em vista dessa⁹¹.

⁸⁶ Ratzinger cita aqui três fontes para fundamentar a controversia teológica entre o sábado e o domingo: “Constituições Apostólicas”, uma versão ampliada da “Epistola aos cristãos da Magnésia” atribuída a Santo Inácio de Antioquia e “*Adversus eos qui castigationes aegre ferunt*”, de São Gregório de Nissa. cf. RATZINGER. 2109, p. 230-231.

⁸⁷ RATZINGER, 2019, p. 232.

⁸⁸ RATZINGER, 2019, p. 233.

⁸⁹ RATZINGER, 2019, p. 233.

⁹⁰ RATZINGER, 2019, p. 50.

⁹¹ RATZINGER, 2019, p. 236.

Ratzinger, nesse ponto, opõe-se ao pensamento de dois teólogos Willy Rordorf e Luca Brandolini, que são confrontados em suas concepções sobre o Domingo. O primeiro, protestante, aponta a relação entre o sábado e o Domingo como fruto da ‘viragem constantiniana’⁹², e o segundo, católico, também partindo dessa mesma premissa diz que “não obstante os esforços de renovação do Vaticano II, apareceria pouco capaz de mudanças”⁹³. Podemos, assim, sintetizar a visão de Ratzinger de que “Jesus não quis abolir, mas salvar o sábado em seu significado verdadeiro e essencial, então, uma teologia cristã que quisesse excluí-lo do Domingo não estaria no caminho justo”⁹⁴. Esse caminho justo é construído a partir da correta compreensão de que o Domingo não é “fenômeno sócio-político, alcançável somente sob condições sociais bem precisas”⁹⁵ e que subsiste, por causa de seus profundos fundamentos teológicos, mesmo com todas as adversidades externas que venham contra o dia do culto cristão. A teologia contemporânea deveria buscar “a síntese dos Testamentos, que foi elaborada na Igreja antiga, corresponde à linha fundamental da mensagem neotestamentária e apenas ela está em condições de dar ao Cristianismo a sua peculiar eficácia histórica”⁹⁶.

2.5 APLICAÇÕES PASTORAIS

A última parte que queremos abordar sobre o pensamento de nosso autor são as aplicações práticas de sua reflexão teológica, ainda que ele mesmo nos advirta que “o recuperar da verdade teológica é, em si mesmo, sem dúvida, algo de prático”⁹⁷. Ele nos coloca dois princípios como forma de guiar o agir na prática pastoral. O primeiro é a “prioridade do Sacramento sobre a psicologia. Vale a prioridade da Igreja sobre o grupo”. O segundo decorre do primeiro e propõe que “as Igrejas locais devem procurar a resposta justa às respectivas situações, sabendo

⁹² cf. RATZINGER, 2019, p. 235.

⁹³ RATZINGER, 2019, p. 235.

⁹⁴ RATZINGER, 2019, p. 235.

⁹⁵ Vale apenas ressaltar que Ratzinger também aponta aqui sua preocupação de que essa equivocada interpretação do Domingo seja fruto de uma má relação entre o Antigo e o Novo Testamento, que pode se expandir para todos os grandes temas da teologia. RATZINGER, 2019, p. 236.

⁹⁶ RATZINGER, 2019, p. 236.

⁹⁷ RATZINGER, 2019, p. 237.

que a sua tarefa essencial é a salvação dos homens (*salus animarum*). Em tal orientação de todo o seu trabalho se reencontram seja o seu vínculo, seja a sua liberdade”⁹⁸.

O nosso autor propõe duas realidades distintas para análise. A primeira são as terras de missão, marcadas pela diáspora e pela perseguição à Igreja, na qual sabemos ser praticamente impossível o cumprimento do preceito e, por essa razão aconselha-se a “sintonizar-se interiormente com a celebração dominical da Igreja”⁹⁹. A segunda realidade compreende o território ordinário da Igreja que sofre com a falta das vocações sacerdotais. As comunidades que não contam com a presença dominical do sacerdote promovem a igreja como “reunião festiva da comunidade local” na qual o espaço religioso continuaria sendo “o ponto central da povoação”¹⁰⁰ e mantendo viva a comunidade por meio da celebração da Palavra de Deus.

Ratzinger diz que “a busca por uma solução justa é, com frequência, ofuscada por ideologias de marca coletivista que são muito mais um obstáculo do que uma ajuda a real exigência”¹⁰¹, mesmo quando existe a possibilidade de participar da Celebração Eucarística em uma Igreja que esteja próxima daquele local. O autor afirma que existem bons elementos e boas intenções na defesa da celebração da Palavra nas comunidades sem a presença do presbítero, mas que elas certamente estão marcadas pelo rebaixamento do dom do Sacramento. Ele também acrescenta que ficamos presos a certo “romanticismo anacrônico” numa era marcada pela mobilidade social e a facilidade para chegar às igrejas onde se celebra o Sacramento.

Ele desenvolve que existem, portanto, duas dimensões aqui presentes. A primeira é a do Sacramento, a dimensão teológica, e a segunda, também em ordem de importância, e que deveria derivar da primeira, é a dimensão subjetiva da experiência, marcada pela sociologia e a psicologia. Não se poderia antepor uma dimensão à outra sob o risco de que a comunidade venha a “celebrar a si mesma e fazer por si” tornando a Igreja um “veículo para um objetivo social”¹⁰².

⁹⁸ RATZINGER, 2019, p. 238.

⁹⁹ RATZINGER, 2019, p. 238.

¹⁰⁰ RATZINGER, 2019, p. 238.

¹⁰¹ RATZINGER, 2019, p. 238.

¹⁰² RATZINGER, 2019, p. 239.

Dentro dessa estrutura não se poderia tomar a mesma “obrigação” de presença na celebração da Palavra e, por conseguinte, se estenderia a mesma lógica para a Celebração Eucarística, pois:

se a Igreja mesma parece dizer que a assembleia é mais importante do que a Eucaristia, então também a Eucaristia não é, exatamente, somente “assembleia” – do contrário a equiparação, de fato, não seria possível. Então toda a Igreja se abaixa ao nível do “fazes por ti mesmo” e, no final, de dá razão a triste visão de Durkheim, segundo o qual, religião e culto não são outra coisa senão formas de estabilização social por meio da autoapresentação da sociedade¹⁰³.

Não se poderia defender o inverso dessa ordem, estabelecendo em primeiro lugar a Santa Missa e depois a formação da comunidade, mesmo com algo que à primeira vista pareça piedoso, mas que, ao longo tempo apresentasse frutos não planejados. Em ordem direta, Ratzinger defende “somente o Sacramento [...] gera comunidade e “edifica” o homem”¹⁰⁴, mesmo quando celebrado de uma maneira “menos rica e do ponto de vista subjetivo muito mais privado de esplendor e monótona”¹⁰⁵.

Faz-se também necessário avaliar os casos de verdadeira necessidade nos casos reais da vida pastoral em comunhão com o bispo diocesano. Portanto, é bastante útil recordar as regras segundo as quais o sacerdote não deve celebrar mais que três missas no Domingo, conforme o “Direito Canônico”, pois mais do que uma norma positiva isso “corresponde aos limites do que é, realmente, realizável”¹⁰⁶.

Os fiéis precisam questionar-se sobre as distâncias a serem percorridas para a Celebração Eucarística e a acessibilidade em tempo adequado de modo que isso não se torne uma “casuística pré-fabricada, mas [dê] espaço para uma decisão conscienciosa em consideração às exigências”¹⁰⁷. Concluindo, Ratzinger diz que o essencial é “que se respeite a justa ordem do grau de importância e que a Igreja não celebre a si mesma, mas o Senhor que essa recebe na Eucaristia – o qual vai ao encontro das situações nas quais a comunidade sem sacerdote se eleva em direção ao dom que Ele constitui”¹⁰⁸.

¹⁰³ RATZINGER, 2019, p. 239

¹⁰⁴ RATZINGER, 2019, p. 239.

¹⁰⁵ RATZINGER, 2019, p. 239.

¹⁰⁶ RATZINGER, 2019, p. 240.

¹⁰⁷ RATZINGER, 2019, p. 240.

¹⁰⁸ RATZINGER, 2019, p. 240.

Outra questão muito mais próxima a nós também é levantada pelo nosso autor quando nos deparamos com a chamada “cultura de fim de semana”¹⁰⁹, segundo a qual os fiéis das paróquias praticam um êxodo na sexta-feira à noite e não costumam retornar antes da última missa do Domingo. A liturgia dominical perde a batalha a cada momento em que é colocada como adversária das mais diferentes possibilidades de entretenimento e fuga do trabalho ordinário no final de semana. Nem mesmo o pároco deveria se entregar à tentação de tornar-se um “*showmaster*” e fazer da liturgia um “espetáculo de variedades”¹¹⁰. A liturgia deveria ser um acontecimento existencial, no qual todos estamos à procura de uma resposta íntima, e não apenas de uma reunião divertida.

Ratzinger se questiona se não deveria ser o Dia do Senhor um “exercício preparatório” para estar interligado com esse maior tempo livre e de maior liberdade¹¹¹. A pastoral deveria buscar ideias adequadas para tentar solucionar essa questão por meio da “flexibilidade pastoral e na abertura recíproca das comunidades”¹¹², meios pelos quais outras atividades poderiam desenvolver-se após a liturgia com base nas relações humanas aí amadurecidas. A opinião de nosso autor procura estabelecer a meta

[...] que por trás desses desejos em tudo legítimos, exista também uma exigência ainda mais profunda: a saudade de serem, autenticamente, domiciliados em uma comunidade fraterna, de experimentar o verdadeiro contraste, vale dizer, da saudade do que “completamente outro” com respeito a toda saturação provocada pela escada incomensurável do que o homem “faz por si”¹¹³.

Nessa proposta o autor também procura refutar a difundida opinião de que seria melhor que o fiel participasse somente da liturgia com um sacerdote por ele conhecido e por uma comunidade que se conheça mutuamente. Ora, esse fundamento procura reduzir os ritos sagrados a um rito social e ainda ofuscaria a

¹⁰⁹ Na homilia de encerramento da Jornada Mundial da Juventude na Alemanha, o Papa Bento XVI retomou esse mesmo tema sobre o Domingo e o final de semana chamando os jovens a participarem da Eucaristia. cf. PAPA BENTO XVI. *Homilia de Sua Santidade Bento XVI na Esplanada de Merienfeld*. Colônia-ALE, 21 ago. 2005c. Disponível em: <<https://x.gd/04K1x>>. Acesso em: 04 jun., 2024.

¹¹⁰ RATZINGER, 2019, p. 241.

¹¹¹ cf. RATZINGER, 2019, p. 240.

¹¹² RATZINGER, 2019, p. 241.

¹¹³ RATZINGER, 2019, p. 241.

nota de catolicidade da Igreja, pois “nenhum fiel é estranho ao outro e que lá onde há fé cada fiel está ‘em sua casa’”¹¹⁴.

Ratzinger procura um caminho do meio entre “um ritualismo no qual o evento litúrgico é oficiado somente pelo sacerdote, de modo incompreensível e privado de todo contato com os fiéis, e uma mania de compreensibilidade que acaba por dissolver o todo em obra humana”¹¹⁵. Existe na liturgia uma clara dimensão católica e uma objetividade do mistério que precisam ser preservadas em cada assembleia dominical. Pois de tal modo, a comunidade celebrante percebe na liturgia “a sua própria força iluminadora”¹¹⁶ favorecendo assim que aqueles que ainda não creem possam também ser chamados e revestidos dessa mesma esperança. Somente assim, a liturgia, em seu significado essencial, retornaria a ser “um lugar que [é] algo a mais que um simples tempo livre e evasão”¹¹⁷.

Uma de suas propostas mais práticas sobre o Domingo pode ser encontrada, já no tempo de seu pontificado, no Discurso proferido na “Sessão Inaugural dos trabalhos da V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe”. Ele afirma que é preciso dar prioridade à Missa dominical nos programas pastorais e incentivar que a família dela participe, pois essa seria uma das melhores maneiras pedagógicas para a comunicação da fé e a permanência da família unida¹¹⁸. Esse compromisso da família cristã é capaz de colocar a missa como o verdadeiro centro de suas vidas e de seus acontecimentos. Para isso, afirma o Papa Bento XVI:

É necessário que os cristãos sintam que não seguem um personagem da história passada, mas Cristo vivo, presente no *hoje* e no *agora* de suas vidas. Ele é o Vivente que caminha ao nosso lado, mostrando-nos o sentido dos acontecimentos, da dor e da morte, da alegria e da festa, entrando nas nossas casas e permanecendo nelas, alimentando-nos com o Pão que dá a vida¹¹⁹.

¹¹⁴ RATZINGER, 2019, nota n. 20, p. 241.

¹¹⁵ RATZINGER, 2019, p. 241.

¹¹⁶ RATZINGER, 2019, p. 242.

¹¹⁷ RATZINGER, 2019, p. 242.

¹¹⁸ cf. PAPA BENTO XVI. *Discurso na Sessão Inaugural dos trabalhos da V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe*. In: CONFERÊNCIA EPISCOPAL LATINO AMERICANA, CELAM. Documento de Aparecida: texto conclusivo da V Conferência do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, DAp. Brasília: Edições CNBB, 2008. p. 258-261

¹¹⁹ PAPA BENTO XVI, 2008, p. 258.

Somente com esse ponto central é que surge o compromisso do fiel com a evangelização e a solidariedade que brota da Eucaristia, a qual foi testemunhada pelos cristãos ao longo dos séculos. E por essa razão, reafirma o papa alemão que:

Cada cristão é chamado a entrar em profunda comunhão com o Senhor crucificado e ressuscitado, a adorá-lo na oração, na meditação e sobretudo na devota participação na Eucaristia, pelo menos no Domingo, pequena "Páscoa semanal". Deste modo, cada um se torna seu verdadeiro discípulo, pronto a anunciar e testemunhar em cada momento a beleza e a força renovadora do Evangelho¹²⁰.

Resumindo, neste capítulo analisamos a teologia do Domingo contida em alguns textos do nosso autor alemão. Adentramos na compreensão do novo lugar e tempo do culto a Deus que nos possibilitou entrar na compreensão do mistério pleno revelado pela ressurreição de Jesus Cristo e como a comunidade cristã foi se desenvolvendo na compreensão do verdadeiro sábado e de como deveria estabelecer os seus reais objetivos com a nova e definitiva aliança, que tem seu ápice no dia de Domingo. Por fim, também analisamos as propostas pastorais elencadas por Ratzinger. No próximo capítulo analisaremos de modo ainda mais abrangente a dimensão pastoral do Dia do Senhor levando em consideração as mudanças de nossa época e as contribuições dos documentos da Igreja na América Latina e o magistério dos papas.

¹²⁰ PAPA BENTO XVI. *Angelus*. Castel Gandolfo-ITA, 31 jul. 2005. Disponível em: <<https://acesse.dev/xgMpo>>. Acesso em: 04 jun., 2024.

3 A DIMENSÃO PASTORAL DO DIA DO SENHOR

*Cada domingo e cada Eucaristia
é um encontro pessoal com Cristo
- Bento XVI*

Abordaremos neste capítulo os diversos fatores que formam um contexto, muitas vezes não favorável, para a vivência do Domingo de forma plena pela comunidade cristã. Ao nos aproximarmos dessa questão constatamos que ela toca além dos aspectos religiosos e aquilo que diz respeito somente à celebração do Domingo, mas que se trata de um amplo e intrincado cruzamento de vários elementos históricos, sociológicos e culturais, que a tornam um complexo caso pastoral a ser entendido e discutido.

3.1 OS DESAFIOS PASTORAIS

Mesmo que as últimas décadas tenham acentuado as causas da evasão dominical da Igreja, a problemática é antiga e já era causa de reflexão à comunidade cristã desde os seus primórdios. Na carta aos Hebreus encontramos a advertência para que as assembleias não sejam abandonadas, como era o costume de alguns, destacando, assim a necessidade de participação pela proximidade do retorno do Senhor (cf. Hb 10,25). Apesar da distância histórica, esse cenário continua a existir e parece ter se agravado na atualidade, como podemos conferir:

O cenário atual é ambíguo, marcado por luzes e sombras. Entre outras características, pela emancipação do sujeito, a pluralidade, o avanço das novas tecnologias permitem cuidar melhor da vida, entre outros. Constatase, por outro lado, a globalização, pelo secularismo, pelo relativismo, pela liquidez, pelo indiferentismo. Nesse contexto, a Igreja enfrenta um desafio que está diretamente relacionado com a sua missão: a transmissão integral da fé no interior de uma cultura, em rápidas e profundas transformações, que experimentam forte crise ética com a relativização do sentido de pecado (DGAE 27)¹²¹.

Há que se considerar as grandes mudanças geradas pelas transformações das sociedades rurais para uma sociedade marcada pela industrialização. As sociedades rurais eram marcadas pela vida imóvel na qual “o domingo quebrava a

¹²¹ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, CNBB. *Diretrizes Gerais para a ação evangelizadora no Brasil 2019-2023*, DGAE. Brasília: Edições CNBB, 2019.

monotonia das pequenas coisas para recordar os valores espirituais e ideais mais elevados e fomentava o sentido de pertença ao grupo étnico e religioso em que ele se havia fortemente enraizado”¹²². Por outro lado, nas modernas cidades não se encontram mais elementos comunitários e transcendentais fortes, pois a relação de mercado e as normas do capitalismo frenético que domina os tempos e as mentalidades geram o isolamento e o individualismo. E até mesmo o sentido da ‘festa’ acaba tendo outra conotação como “necessidade de fuga e de ruptura, o que muitas vezes é sinal de cansaço, de aborrecimento e de frustração”¹²³.

Dentro desse processo tem se desenvolvido uma ‘cultura urbana’. Nessa conjuntura se faz necessário compreender os desafios e interpretá-los como a realidade de nosso cotidiano. E isso acontece,

não só porque as pessoas tendem a residir nas cidades, também porque o estilo de vida e a mentalidade dos ambientes citadinos se expandem sempre mais, alcançando rincões mais distantes com todas as consequências – humanas, éticas, sociais, tecnológicas e ambientais, entre outras. É por isso que pensar a relação entre evangelização e cultura urbana torna-se um imperativo a ação evangelizadora em nossos dias. Ao se falar de cultura urbana, não se pode deixar de considerar as cidades, especialmente as grandes metrópoles, nas quais essa cultura se manifesta de modo mais intenso (DGAE, n. 28).

Toda essa mudança parece estar inserida em um longo processo de secularização que atinge diretamente o modo como o homem lida com a sua religiosidade, o que afeta de modo objetivo a sua forma de viver o Domingo. Ela limita o horizonte transcendental, levando os seres humanos a interpretar a vida sob um prisma unicamente imanente. Esse processo vai tomando contornos mais concretos pelo fato de que se busca circunscrever a religiosidade ao âmbito privado. Como afirma Brandolini¹²⁴, “daí decorre a pretensão de excluir a religião das estruturas e das instituições públicas, para confiná-la no máximo dentro do âmbito da vida privada, quando não se chega a considerá-la insignificante ou até alienante”.

Como consequência desse processo, as gerações vão perdendo a capacidade e a compreensão da ação de Deus na história humana. Especialmente as gerações atuais, não são capazes de perceber essa ação na Igreja e na liturgia,

¹²² BRANDOLINI, Luca. Domingo. In: *Dicionário de Liturgia*. DOMENICO, Sartore; TRIACCA, Achille M. (orgs.). Tradução: Isabel Fontes Leal Ferreira. São Paulo: Paulus, 1992, p. 305.

¹²³ BRANDOLINI, 1992, p. 305.

¹²⁴ BRANDOLINI, 1992, p. 305-306.

de modo que os ritos e celebrações, sendo alheios ao seu contexto vital, são considerados como “nada mais do que meras formas de uma prática sociocultural ou como expressão de uma vaga religiosidade de tipo sacral”¹²⁵, as quais são passíveis de serem abandonadas ou marginalizadas. Os cristãos dos séculos XX e XXI vivem, com efeito, num ambiente secularizado. Entretanto é preciso compreender, segundo o Papa Francisco, que nesses contextos

“é preciso reavivar esta consciência, para recuperar o significado da festa, o significado da alegria, da comunidade paroquial, da solidariedade e do descanso que revigora a alma e o corpo. De todos estes valores a Eucaristia é a nossa mestra, domingo após domingo”¹²⁶.

Em resposta a esta problemática houve um grande interesse pastoral e acadêmico nas décadas posteriores ao Concílio Vaticano II, que procurava aprofundar o sentido do Domingo e propor novas perspectivas e soluções. Sobre a participação dos fiéis, pesquisas feitas na Itália nos anos 1970¹²⁷, por exemplo, demonstraram estatisticamente que menos de um terço dos entrevistados eram assíduos a missa dominical. Entre as causas dessa evasão da Celebração Eucarística semanal estariam a perda de sentido, a falta de identificação do Domingo como dia de repouso espiritual, e as viagens de final de semana como modo de fugir do ritmo do trabalho e saída do habitat semanal. Outro aspecto da pesquisa que chamou a atenção foi a identificação do Domingo com uma sensação de vazio, tédio e frustração. Como aponta Brandolini, que

[...] a situação oscila desde os participantes ocasionais, presentes de vez enquanto por motivos contingentes, até os que só vem por hábito ou por vago sentimento religioso, como também outros que estão sinceramente em busca de fé autêntica ou desejosos de aprofundar o seu sentido de pertença a Cristo e à igreja, ou até, outros finalmente que, com sinceridade, se acham comprometidos com a vida cristã, com o serviço e o testemunho. Dependendo disto, muda naturalmente o tipo de participação na ação litúrgica: existe quem assista quase que apenas passivamente e por obrigação – talvez achando que não há outro jeito -, há quem procure inserir-se inclusive sacramentalmente no mistério, quem se põe a serviço

¹²⁵ BRANDOLINI, 1992, p. 306.

¹²⁶ PAPA FRANCISCO. *Audiência Geral*. Vaticano-ITA, 13 dez. 2017. Disponível em: <<https://x.gd/Ybge9>>. Acesso em: 09 jun., 2024.

¹²⁷ “Por volta dos anos sessenta, sob o estímulo das novas técnicas que a pesquisa estatística vinha introduzindo também na sociologia religiosa, começou-se a pesquisar a chamada ‘prática’ religiosa. Foram promovidos na Itália diversos questionários para saber se os italianos e quantos italianos respeitavam o repouso semanal – ou ‘festivo’ -, como transcorria habitualmente para eles o domingo, que lugar ocupava em sua vida a missa e os atos relacionados com a santificação da festa na vida dos cristãos”. BRANDOLINI, 1992, p. 306.

dos irmãos nos diversos ministérios previstos pela celebração. Para a maioria, a missa do domingo é o único ato religioso; para poucos, o momento forte de um compromisso de fé e missionário mais amplo e global¹²⁸.

A frequência dos participantes na Eucaristia dominical passa por uma tendência de “criar intervalos cada vez maiores, acabando por coincidir apenas com algumas das grandes solenidades do ano litúrgico (Natal, Páscoa, etc.) talvez mais ligadas à devoção e a tradição religiosa popular (Todos os Santos, Comemoração dos Defuntos”¹²⁹. Por outro lado, os fiéis podem ter motivações distorcidas, como considerar a observância do Domingo apenas sob o ponto de vista naturalista, segundo o qual a cada religião cumpre estabelecer um dia de culto do ser criado ao ser criador ou, até mesmo, e de modo mais frequente, legalista, como cumprimento de um dever. Isso se nota especialmente entre os jovens, para os quais a religiosidade se vincula mais a momentos espontâneos e não a obrigatórios¹³⁰.

Outra tendência observada é a individualização do compromisso dominical, distanciando o fiel das ligações comunitárias que formam e o fazem sentir pertencente à Igreja. Com isso, aos poucos, vai desaparecendo aquela realidade primordial do aspecto celebrativo e coletivo da fé pascal, a qual cede espaço ao individualismo e ao processo de isolamento entre os participantes de uma mesma paróquia¹³¹.

Apesar das diversas contribuições para a compreensão dos desafios pastorais sobre o dia de Domingo, o autor Brandolini, no “Dicionário de Liturgia”, possui conclusões controversas a respeito da falta de atualização da Igreja sobre essa doutrina. Ele afirma que a

identidade cristã do domingo acaba, assim, ficando comprometida não só pelas pressões maciças e violentas de um mundo descristianizado, como também de um persistente modo de viver a experiência cristã dentro da Igreja, o qual se firmou a partir da Idade Média e que resiste às mudanças, apesar dos estímulos à renovação difundidos nos últimos anos e sobretudo a partir do Vat. II¹³².

¹²⁸ BRANDOLINI, 1992, p. 305-307.

¹²⁹ BRANDOLINI, 1992, p. 307.

¹³⁰ cf. BRANDOLINI, 1992, p. 307.

¹³¹ cf. BRANDOLINI, 1992, p. 307.

¹³² BRANDOLINI, 1992, p. 306.

Realmente as consequências de um mundo descristianizado afetam consideravelmente a vivência do Domingo, mas seria incorreto dizer que a Igreja colaborou para a “uma gradual sabatização do Domingo e com isso uma concepção naturalista, legalista e individualista do culto”¹³³. Ratzinger defende, pois, que

se com o Antigo Testamento – neste caso com o Sábado – rejeita-se o aspecto da criação e a componente social, o Cristianismo se torna o “teatrinho” de uma associação e a liturgia um entretenimento que aparece fora de moda, também, quando se apresenta com toda espécie de ornamentos progressistas. Com uma semelhante alienação do mundo, perde-se o ponto de partida da doutrina cristã sobre a liberdade e se falsifica, assim, a concepção cristã do culto, a qual reconhece, na estrutura semanal da narrativa da criação, o modelo substancial sobre o qual se baseia o qual, porém, graças a Páscoa de Cristo, recebeu o seu conteúdo dramático. [...] O culto cristão e a antecipação da liberdade partilhada, na qual o homem imita Deus¹³⁴.

Nosso autor aqui enfatiza que todas essas dificuldades pastorais não podem ser premissas para uma conclusão que jogaria fora toda a compreensão teológica do Domingo. Pelo contrário, somente quando se abraça a revelação divina, na completude dos dois Testamentos e na profundidade do acontecimento pascal cristão é que se pode assumir a verdadeira liberdade de filhos de Deus e o compromisso hebdomadário que dela decorre.

3.2 A REALIDADE DA AMÉRICA LATINA

As conferências episcopais latino-americanas também oferecem substanciais contribuições para a vivência pastoral do Dia do Senhor. Essas conferências têm acompanhado as mudanças que ocorreram na sociedade e têm sido um sinal e uma resposta para cada tempo, conforme propõem objetivos e motivam ações evangelizadoras.

Especialmente a partir da Conferência Geral de Santo Domingo (1993), buscou-se enfatizar diretamente a vivência do Dia do Senhor nos documentos conclusivos. Entre outros elementos, destacam que para muitos se perdeu o sentido do Domingo e que há pouca participação nas comunidades (cf. DSD 43)¹³⁵, e como linha pastoral propõem uma “séria e permanente formação litúrgica do povo de Deus

¹³³ RATZINGER, 2019, p. 235.

¹³⁴ RATZINGER, 2019, p. 236.

¹³⁵ CONFERÊNCIA EPISCOPAL LATINO AMERICANA, CELAM. *Documento de Santo Domingo*, DSD. São Paulo: Loyola, 1992.

em todos os seus níveis, a fim de que ele possa viver a liturgia espiritual, consciente e ativamente” (DSD 51), pelo fato de ser “urgente dar ao domingo, aos tempos litúrgicos e à celebração da Liturgia das Horas todo o seu sentido e força evangelizadora” (DSD 51).

Em 2007, na Conferência de Aparecida, o Papa Bento XVI apontou para relação essencial existente entre a vivência do discipulado missionário e a participação dominical. No discurso inaugural o Pontífice afirmou que cada

domingo e cada Eucaristia é um encontro pessoal com Cristo. Ao escutar a Palavra divina, o coração arde porque é ele quem a explica e proclama. Quando na Eucaristia se parte o pão, é ele quem se recebe pessoalmente. A Eucaristia é o alimento indispensável para a vida do discípulo e missionário de Cristo¹³⁶.

Do mesmo modo, na carta de autorização da publicação do “Documento Conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe”, o Papa destacou que leu com “particular apreço as palavras que exortam a dar prioridade à Eucaristia e à Santificação do Dia do Senhor nos programas pastorais”¹³⁷.

Com voz profética, os bispos reunidos em assembleia continuaram a reafirmar o ensinamento da Igreja de que era necessário resguardar o Domingo de todas as ameaças. Eles apontaram que tanto o acesso ao trabalho, quanto o seu devido descanso, são devidamente celebrados pelos cristãos que denunciam toda a injustiça, o que é um sinal do desequilíbrio dos sistemas trabalhistas. Conforme podemos conferir

[...] damos graças a Deus porque sua palavra nos ensina que, apesar do cansaço que muitas vezes acompanha o trabalho, o cristão sabe que este, unido à oração, serve não só para o progresso terreno, mas também para a santificação pessoal e a construção do Reino de Deus. O desemprego, a injusta remuneração pelo trabalho e o viver sem querer trabalhar são contrários ao desígnio de Deus. O discípulo e o missionário, respondendo a este desígnio, promovem a dignidade do trabalhador e do trabalho, o justo reconhecimento de seus direitos e de seus deveres, desenvolvem a cultura do trabalho e denunciam toda injustiça. A guarda do domingo, como dia de descanso, da família e do culto ao Senhor, garante o equilíbrio entre

¹³⁶ PAPA BENTO XVI, 2007.

¹³⁷ PAPA BENTO XVI. Carta de S. S. Bento XVI aos irmãos no Episcopado na América Latina e Caribe. In: CONFERÊNCIA EPISCOPAL LATINO AMERICANA, CELAM. *Documento de Aparecida: texto conclusivo da V Conferência do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*, DAp. Brasília: Edições CNBB, 2008, p. 09.

trabalho e repouso. Cabe à comunidade criar estruturas que ofereçam um trabalho às pessoas deficientes, segundo suas possibilidades (DAp 121) ¹³⁸.

Desse básico direito humano, trabalho-descanso, emerge uma desafiadora proposta da “Conferência de Aparecida”, a saber: o estilo de vida conforme o Domingo. De acordo com esse modo de viver, os discípulos-missionários maduros devem empenhar-se, interiormente e exteriormente, para que toda a ação pastoral da Igreja e todas as dimensões da sua própria vida convirjam para a celebração dominical. Como se pode ver nesta passagem

Entende-se, assim a grande importância do preceito dominical de “viver segundo o domingo”, como necessidade interior do cristão, da família cristã, da comunidade paroquial. Sem uma participação ativa na celebração eucarística dominical e nas festas de preceito, não existirá um discípulo missionário maduro. Cada grande reforma na Igreja está vinculada ao redescobrimto da fé na Eucaristia. Por causa disso, é importante promover a “pastoral do domingo” e de dar a ela a “prioridade nos programas pastorais”, para novo impulso na evangelização do povo de Deus no Continente latino-americano (DAp 252).

Muitas outras iniciativas¹³⁹ também marcam o desejo dos pastores de cada Igreja particular de que suas ovelhas participem frequentemente do encontro semanal com o Bom Pastor. E amparados por esse desejo vamos agora apresentar algumas propostas pastorais encontradas em nossa pesquisa.

3.3 PROPOSTAS PASTORAIS

A conversão pastoral é o grande paradigma para uma ação pastoral renovada. Muitos estão acostumados com o modelo de pastoral que simplesmente mantém e conserva os costumes e as rotinas como elas sempre foram. Porém, é preciso reconhecer que não se pode apenas manter esse modelo pastoral, pois,

¹³⁸ CONFERÊNCIA EPISCOPAL LATINO AMERICANA, CELAM. *Documento de Aparecida: texto conclusivo da V Conferência do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*, DAp. Brasília: Edições CNBB, 2008.

¹³⁹ Queremos aqui destacar a carta pastoral do Arcebispo Emérito de Goiânia, Dom Washington Cruz, CP., publicada no dia 02 de fevereiro de 2005, com o título “Dia do Senhor: a festa do reino” na qual buscava-se considerar “os desdobramentos espirituais que a celebração do mistério que santifica particularmente uma jornada da semana nos convoca a reconhecer a santidade de todos os dias de nossa vida”. CRUZ, Dom Washington. *Dia do Senhor: a festa do reino*. Goiânia, 02 fev. 2005. Disponível em: <<https://x.gd/Ybm0P>>. Acesso em: 09 jun., 2024.

como se afirma nas ‘Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2019-2023’,

reconhecendo o bem que tem feito ao longo da história, o que se convencionou chamar de *pastoral de conservação*, somos atualmente interpelados a perceber que não é mais possível continuar somente com este modelo de pastoral. Onde for útil englobar formas de vida comunitária e atuar no resgate de pessoas, na solidariedade com os mais pobres e no anúncio do evangelho, ele deve ser mantido. Onde, ao contrário, os níveis de urbanização forem mais agudos, é indispensável ter coragem para “abandonar as estruturas ultrapassadas que já não favoreçam mais a transmissão da fé” (DGAE 70)

E o local primordial dessa ação evangelizadora é a paróquia. Assim é inadiável que a comunidade esteja realmente em saída e à procura daqueles que estão desanimados e caminhando para longe da comunidade reunida. Pois como nos interpela o documento 100 da CNBB (Doc. 100), é necessário

ir ao encontro daqueles que se afastaram da comunidade ou dos que a concebem apenas como uma referência para serviços religiosos. Ocasão especial para acolher os afastados pode ser a preparação de pais e padrinhos para o Batismo, a preparação de noivos para o Sacramento do Matrimônio, as Exéquias e a formação de pais de crianças e jovens da catequese. Todas essas situações supõe um olhar menos julgador e mais acolhedor, para receber aqueles que buscam a comunidade pensando apenas no sacramento. Se forem bem acolhidos, poderão retornar ou ingressar na vida comunitária (Doc. 100, 318)¹⁴⁰.

A paróquia em saída deve ser esse sinal de acolhida e de encontro. Acolhida para todos aqueles que precisarem desse encontro pessoal e transformador com o Ressuscitado. O Papa Francisco, em sua série de catequese sobre a Santa Missa, também corrobora que o Domingo deve ser um dia de encontro com o Senhor Jesus. Em uma catequese do ano 2017, na qual se propõe a responder à pergunta “Por que ir à missa aos domingos?” ele fez a seguinte exortação:

nós, cristãos, vamos à Missa aos domingos para encontrar o Senhor Ressuscitado, ou melhor, para nos deixarmos encontrar por Ele, ouvir a sua palavra, alimentar-nos à sua mesa e assim tornar-nos Igreja, isto é, seu Corpo místico vivo no mundo. Compreenderam isto, desde o princípio, os discípulos de Jesus, que celebraram o encontro eucarístico com o Senhor no dia da semana ao qual os judeus chamavam “o primeiro da semana” e os romanos “dia do sol”, porque naquele dia Jesus tinha ressuscitado dos mortos e aparecido aos discípulos, falando com eles, comendo com eles,

¹⁴⁰ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, CNBB. *Comunidades de comunidades, uma nova paróquia: a conversão pastoral da paróquia*. Brasília: Edições CNBB, 2014. (Documentos da CNBB 100)

concedendo-lhes o Espírito Santo [...] Por estas razões, o domingo é um dia santo para nós, santificado pela celebração eucarística, presença viva do Senhor entre nós e para nós. Portanto, é a Missa que faz o domingo cristão! O domingo cristão gira em volta da Missa. Que domingo é, para o cristão, aquele no qual falta o encontro com o Senhor?¹⁴¹.

Ratzinger também afirmava que a ressurreição de Cristo “começaria o novo templo: o corpo vivo de Jesus Cristo, que, agora, se encontra ao lado de Deus e será o lugar de todo culto. Nesse corpo ele acolhe os homens”¹⁴². Segundo esse entendimento, a reformulação do culto no Corpo de Cristo reconfigura totalmente o culto a Deus, deslocando sua centralidade do local geográfico onde se encontra sua presença, o templo, para um encontro com o Ressuscitado. Expande-se assim a realidade do que buscamos analisar nesse trabalho, pois isso aponta para uma característica eucarística.

Nesse sentido, as transmissões da Santa Missa, em qualquer meio de comunicação, devem, como objetivo fundamental, “despertar nos fiéis o desejo de tomar parte das celebrações na própria comunidade” (Doc. 99, 98)¹⁴³ e não desestimulá-los ou dissuadi-los a não mais participar presencialmente da Igreja mais próxima de sua casa. O “Diretório de Comunicação da Igreja no Brasil” (Doc. 99) afirma,

as transmissões têm valor evangelizador, pois, por meio delas, o anúncio da Boa Nova vai ao encontro dos enfermos, das pessoas com idade avançada ou impossibilitadas de participar fisicamente das comunidades. Contudo, o fiel em condições de tomar parte das celebrações deve fazê-lo, pois essa participação presencial permite o envolvimento integral da pessoa em sua comunidade (Doc. 99, 99).

E, por último, mas não menos importante, as transmissões devem esforçar-se para que a renovação litúrgica atinja as assembleias, para que essas possam celebrar a Páscoa semanal de Cristo com “autenticidade de sinais e de modos de expressão, com seriedade de intenções, com plena e consciente participação pessoal e eclesial”¹⁴⁴. Trata-se, no fundo, de um caminho mistagógico que

¹⁴¹ PAPA FRANCISCO, 2017.

¹⁴² RATZINGER, 2019, p.53.

¹⁴³ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, CNBB. *Diretório de Comunicação da Igreja no Brasil*. Brasília: Edições CNBB, 2010. (Documentos da CNBB 99)

¹⁴⁴ BRANDOLINI, 1992, p. 308.

acompanha a renovação litúrgica querida pelos Padres do Concílio, segundo explica Bento XVI:

A renovação das formas externas, desejadas pelos Padres Conciliares, visava tornar mais fácil a penetração na profundidade íntima do mistério; o seu verdadeiro objetivo era levar as pessoas a um encontro pessoal com o Senhor presente na Eucaristia, e, portanto, com Deus vivo, de um modo que, através desse contato com o amor de Cristo, o amor mútuo dos seus irmãos e irmãs pudesse crescer¹⁴⁵.

Para isso é necessária a formação dos fiéis para a compreensão do sentido e significado pleno do Domingo, a partir da fundamentação bíblica, tomando os escritos dos Padres da Igreja, os exemplos dos mártires e dos santos, a recente discussão teológica e, por fim, os ensinamentos do magistério. Somente assim teremos a necessária “ação pedagógica e pastoral em diversos níveis e com objetivos precisos”¹⁴⁶.

Também encontramos uma estreita relação entre a vivência plena do Domingo e a necessidade de oração pelas vocações sacerdotais (cf. DAp 253). Essa relação pode ser vivida de dois modos. Nas comunidades que já possuem um sacerdote residente, pelo louvor a Deus que chama e envia homens a se colocarem a disposição do serviço do povo de Deus, por meio de uma contribuição ativa na promoção das vocações sacerdotais. E nas comunidades em que falta a presença regular do sacerdote, por meio do compromisso de se manterem firmes na oração pelas vocações sacerdotais.

E por fim, para viver o Domingo, os fiéis de todos os tempos têm como exemplo aquela que sempre viveu sua vida em perfeita resposta de entrega total ao Criador, Maria Santíssima, a filha de Sião e filha da Igreja. Para a Virgem Maria, olham os fiéis que escutam a Palavra proclamada na assembleia dominical, aprendendo com ela a conservá-la e meditá-la no coração (cf. Lc 2,19). Conforme afirmava João Paulo II:

Com Maria, aprendem a estar ao pé da cruz, para oferecer ao Pai o sacrifício de Cristo e associar ao mesmo a oferta da própria vida. Com Maria, vivem a alegria da ressurreição, fazendo suas as palavras do Magnificat que cantam o dom inexaurível da misericórdia divina no fluxo inexorável do tempo: “A sua misericórdia estende-se de geração em

¹⁴⁵ PAPA BENTO XVI. *Encontro do Papa Bento XVI com o clero de Roma*. Roma, 14 fev. 2013. Disponível em: <<https://encr.pw/4CWxR>>. Acesso em: 05 jul., 2024.

¹⁴⁶ BRANDOLINI, 1992, p. 308

geração sobre aqueles que O temem” (Lc 1,50). Domingo a domingo, o povo peregrino segue o rasto de Maria, e a sua intercessão materna torna particularmente intensa e eficaz a oração que a Igreja eleva à Santíssima Trindade (DD 86).

Em suma, neste capítulo abordamos a dimensão pastoral do Dia do Senhor, apresentando a realidade na qual a Igreja está inserida contemporaneamente e os desafios para a santificação desse dia. Com base nessa análise, recolhemos algumas propostas para ação pastoral que pudessem estimular e fundamentar a participação ativa dos fiéis nas celebrações dominicais e, principalmente, a resignificação do Domingo para um verdadeiro encontro com o Senhor Ressuscitado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vivência plena do Domingo é um grande desafio para os fiéis e para toda a comunidade cristã. O caminho percorrido nesta pesquisa nos levou a compreender algumas respostas a esse desafio, como também os fundamentos para um possível caminho pastoral.

A verdadeira teofania de Cristo nos chama e nos atrai para o seu mistério pascal. Ratzinger nos coloca no centro do Domingo cristão, por meio de uma teologia que se constrói na vivência plena da liturgia bem celebrada. Seu objetivo é propor que o lugar exterior e interior do culto seja estabelecido conforme a dinâmica própria do dia da ressurreição.

Existe, portanto, um caminho de fé de que não pode prescindir cada um que queira se aproximar da liturgia e dela receber todos os frutos e dons em sua plenitude. A primeira etapa é a reunião com verdadeiras testemunhas desse encontro com o Cristo Ressuscitado, o que tantas vezes chamamos de anúncio querigmático. Na vivência desse testemunho, os alcançados por Cristo buscam compreender de maneira sistemática e vivencial a fé da Igreja por meio de uma catequese que os conduzirá, por fim, a última e definitiva etapa, que é a celebração litúrgica, expressão máxima da comunhão humana com a graça de Cristo.

Viver segundo o Domingo é a realidade própria daqueles que tiveram o seu encontro pessoal e único com o Senhor Ressuscitado e já não mais podem viver com os olhos tristes, focados nas realidades passadas. Esses vão apressadamente a procura dos outros para anunciar a alegria desse encontro.

O oposto da ausência é o encontro. A ausência de muitos fiéis que não participam nas assembleias dominicais nos insere num dinamismo de saída para ir ao encontro daqueles irmãos que estão imersos nas mais diversas circunstâncias. É preciso ter a paciência e a pedagogia pastoral do Cristo Ressuscitado, e se colocar no meio, para escutá-los e caminhar com eles, fazendo-lhes arder o coração, enquanto lhes apresentamos e explicamos as Escrituras e a liturgia. Pois, conforme afirma Bento XVI, “na sucessiva história da Igreja, o Senhor não esteve ausente: incessantemente vem ao nosso encontro, através de homens nos quais Ele Se

revela; através da sua Palavra, nos Sacramentos, especialmente na Eucaristia” (DCE 17)¹⁴⁷.

Os cristãos precisam estar cada vez mais conscientes que a ausência na assembleia dominical representa a negação de um encontro amoroso e pessoal com o seu Criador-Redentor e não apenas o mero distanciamento de uma lei eclesial. É algo que vai para além das questões canônicas e diz diretamente dos aspectos essenciais da pessoa humana, especialmente daqueles que se tornaram filhos de Deus pelo batismo. É nesse sentido que a vivência do Domingo cristão assume uma dimensão querigmática. Viver o Domingo é torná-lo o melhor dia de nossa semana, o mais esperado de todos os dias e aquele que será o nosso único e definitivo Dia do Senhor. ‘Sine domínico non possumus’ – Sem o Domingo não podemos viver.

¹⁴⁷ PAPA BENTO XVI. *Carta encíclica Deus Caritas Est*: sobre o amor cristão, DCE. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2005b. Disponível em: <<https://l1nq.com/lf9ld>>. Acesso em: 03 jul., 2024.

REFERÊNCIAS

ALDAZABAL, José. Domingo, dia do Senhor. In: **A celebração na Igreja III: ritmos e tempos da celebração**. BÓRBIO, Dionísio (org.). Tradução: João Rezende Costa. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

AQUINO, Santo Tomás de. **Suma Teológica**. 2 ed. v. 6. São Paulo: Edições Loyola, 2016.

AUGÉ, Matias. **Ano litúrgico: é o próprio Cristo presente na sua Igreja**. Tradução: Geraldo Lopes. São Paulo: Paulinas, 2019.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002. Nova edição, revista e ampliada.

BRANDOLINI, Luca. Domingo. In: **Dicionário de Liturgia**. DOMENICO, Sartore; TRIACCA, Achille M. (orgs.). Tradução: Isabel Fontes Leal Ferreira. São Paulo: Paulus, 1992.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, CEC. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO, CIC. São Paulo: Edições Loyola, 2022.

CONCÍLIO VATICANO II. **Constituição Sacrosanctum Concilium**: sobre a sagrada liturgia, SC. São Paulo: Paulus, 1997.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL LATINO AMERICANA, CELAM. Documento de Santo Domingo, DSD. São Paulo: Loyola, 1992.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL LATINO AMERICANA, CELAM. **Documento de Aparecida**: texto conclusivo da V Conferência do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, DAp. Brasília: Edições CNBB, 2008.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, CNBB. **Comunidades de comunidades, uma nova paróquia**: a conversão pastoral da paróquia. Brasília: Edições CNBB, 2014. (Documentos da CNBB 100)

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, CNBB. **Diretório de Comunicação da Igreja no Brasil**. Brasília: Edições CNBB, 2010. (Documentos da CNBB 99)

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, CNBB. **Diretrizes Gerais para a ação evangelizadora no Brasil 2019-2023**, DGAE. Brasília: Edições CNBB, 2019.

CRUZ, CP, Dom Washington. Segundo comunicado orienta sobre o Coronavírus. **Arquidiocese de Goiânia**, Goiânia, 18 mar. 2020. Disponível em: <<https://x.gd/d1f2f>>. Acesso em: 04 jun., 2024.

CRUZ, Dom Washington. **Dia do Senhor: a festa do reino.** Goiânia, 02 fev. 2005. Disponível em: <<https://x.gd/Ybm0P>>. Acesso em: 09 jun., 2024.

DANIÉLOU, Jean. **Bíblia e liturgia: a teologia bíblica dos sacramentos e das festas dos padres da Igreja.** Tradução: Geraldo Lopes. São Paulo: Paulinas, 2013.

Didaqué: o catecismo dos primeiros cristãos para as comunidades de hoje. Tradução de Euclides Martins Balancin e Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 1989.

GAMA, Saulo da Silva. **A influência do pensamento de Romano Guardini na construção e desenvolvimento da teologia litúrgica de Joseph Ratzinger à luz das obras O Espírito da Liturgia e O Espírito da Liturgia: uma introdução.** Departamento de Teologia - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Dissertação, Rio de Janeiro, 2020. (Mestrado em Teologia). Disponível em: <<https://x.gd/2Hg6i>>. Acesso em: 03 jun., 2024.

INÁCIO DE ANTIOQUIA. Inácio aos Magnésios. In: **Padres apostólicos:** Clemente romano, Inácio de Antioquia, Policarpo de Esmirna, O pastor de Hermas, Papias, Didaqué. 2 ed. São Paulo: Edições Loyola, 1997.

JUSTINO DE ROMA. **I Apologia.** Tradução de Euclides Martins Balancin e Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 1995. (Coleção patrística).

MARTINS, Maria Cristina. **Peregrinação de Egéria: uma narrativa de viagem aos Lugares Santos.** Uberlândia: EDUFU, 2017.

PAPA BENTO XVI. A sacralidade do domingo e a importância da missa: mensagem do Papa a participantes da Jornada de estudos sobre a “*Sacrosanctum Concilium*”. **Rádio Vaticana**, Vaticano, 04 dez. 2006. Disponível em: <<https://x.gd/Dzpa4>>. Acesso em: 04 jun., 2024.

PAPA BENTO XVI. **Angelus.** Castel Gandolfo-ITA, 31 jul. 2005. Disponível em: <<https://acesse.dev/xgMpo>>. Acesso em: 04 jun., 2024.

PAPA BENTO XVI. Carta de S. S. Bento XVI aos irmãos no Episcopado na América Latina e Caribe. In: CONFERÊNCIA EPISCOPAL LATINO AMERICANA, CELAM. **Documento de Aparecida:** texto conclusivo da V Conferência do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, DAp. Brasília: Edições CNBB, 2008.

PAPA BENTO XVI. **Carta encíclica Deus Caritas Est:** sobre o amor cristão, DCE. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 2005b. Disponível em: <<https://l1nq.com/lf9ld>>. Acesso em: 03 jul., 2024.

PAPA BENTO XVI. **Discurso na Sessão Inaugural dos trabalhos da V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe.** Aparecida-SP, 13 jun. 2007. Disponível em: <<https://x.gd/NnxrH>>. Acesso em: 04 jun., 2024.

PAPA BENTO XVI. **Encontro do Papa Bento XVI com o clero de Roma.** Roma, 14 fev. 2013. Disponível em: <<https://encr.pw/4CWxR>>. Acesso em: 05 jul., 2024.

PAPA BENTO XVI. **Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Sacramentum Caritatis***: sobre a Eucaristia, fonte e ápice da vida e da missão da Igreja, EASC. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 2007b. Disponível em: <<https://x.gd/bGTLz>>. Acesso em: 10 jun., 2024.

PAPA BENTO XVI. **Homilia de Sua Santidade Bento XVI na Esplanada de Merienfeld**. Colônia-ALE, 21 ago. 2005c. Disponível em: <<https://x.gd/04K1x>>. Acesso em: 04 jun., 2024.

PAPA BENTO XVI. **Homilia do Santo Padre na Solene Concelebração Eucarística na Catedral de Santo Estêvão**. Viena, 09 set. 2007c. Disponível em: <<https://x.gd/viKM2>>. Acesso em: 04 jun., 2024.

PAPA FRANCISCO. **Audiência Geral**. Roma, 13 dez. 2017. Disponível em: <<https://x.gd/Ybge9>>. Acesso em: 09 jun., 2024.

PAPA FRANCISCO. **Carta Apostólica *Desiderio Desideravi***: sobre a formação litúrgica do povo de Deus. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 2022. Disponível em: <<https://x.gd/mztnD>>. Acesso em: 09 jun., 2024.

PAPA FRANCISCO. **Carta encíclica *Laudato Si'***: sobre o cuidado da casa comum, LS. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 2015. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html>. Acesso em: 09 jun., 2024.

PAPA FRANCISCO. **Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium***: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual, EG. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 2015. Disponível em: <<https://x.gd/KABoG>>. Acesso em: 09 jun., 2024.

PAPA JOÃO PAULO II. JOÃO PAULO II. **Carta Apostólica *Dies Domini***: sobre a santificação do Domingo, DD. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 1998. Disponível em: <<https://x.gd/zrPTn>>. Acesso em: 06 jun., 2024.

PONTIFÍCIA COMISSÃO PARA A AMÉRICA LATINA. **A missa dominical, centro da vida cristã na América Latina**: recomendações pastorais. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 2005. Disponível em: <[http://www.americalatina.va/content/dam/americalatina/Documents/7\)%20Recomendaciones%20Pastorales%20La%20misa%20domenical%20POR.pdf](http://www.americalatina.va/content/dam/americalatina/Documents/7)%20Recomendaciones%20Pastorales%20La%20misa%20domenical%20POR.pdf)>. Acesso em: 03 jun. 2024.

PONTIFÍCIO CONSELHO “JUSTIÇA E PAZ”. **Compêndio da doutrina social da Igreja**, CDSI. 7 ed. São Paulo: Paulinas, 2011.

RATZINGER, Joseph. **Jesus de Nazaré**: da entrada em Jerusalém até a ressurreição. São Paulo: Planeta, 2016.

RATZINGER, Joseph. **Teologia da Liturgia**: o fundamento sacramental da existência cristã. v. 11. Brasília: Edições CNBB, 2019. (Obras Completas – Volume XI)

ROPS, Daniel. **A igreja dos apóstolos e dos mártires**. v. 1. São Paulo: Quadrante, 2014.

SANTOS, Mauro Francisco dos. **A relação entre Eucaristia e Igreja no pensamento de Joseph Ratzinger**. Departamento de Teologia - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Tese, Rio de Janeiro, 2022. (Doutorado em Teologia). Disponível em: <<https://x.gd/g91iV>>. Acesso em: 03 jun., 2024.

OBRAS CONSULTADAS

BRIGHENTI, Agenor; PASSOS, João Décio (orgs.). **Compêndio das conferências dos bispos da América Latina e Caribe**. São Paulo: Paulinas: Paulus, 2018.

ROWLAND, Tracey. **A fé de Ratzinger**. Campinas-SP: Editora Ecclesiae, 2013.